



Análise do ensino de práticas sustentáveis em cursos de graduação em Design de Moda no Distrito Federal

Marcele Kristine Cardoso Gonzalez

Dissertação de Mestrado | UnB 2024



Universidade de Brasília
Instituto de Artes | Departamento de Design
Programa de Pós-Graduação em Design

MARCELE KRISTINE CARDOSO GONZALEZ

**ANÁLISE DO ENSINO DE PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS NOS CURSOS DE
GRADUAÇÃO EM DESIGN DE MODA NO DISTRITO FEDERAL**

BRASÍLIA

2024

MARCELE KRISTINE CARDOSO GONZALEZ

**ANÁLISE DO ENSINO DE PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS NOS CURSOS DE
GRADUAÇÃO EM DESIGN DE MODA NO DISTRITO FEDERAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design, da Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Design.

Orientador: Prof. Dr. Breno Tenório Ramalho de Abreu

BRASÍLIA

2024

MARCELE KRISTINE CARDOSO GONZALEZ

**ANÁLISE DO ENSINO DE PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS NOS CURSOS DE
GRADUAÇÃO EM DESIGN DE MODA NO DISTRITO FEDERAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design, da Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Design.
Orientador: Prof. Dr. Breno Tenório Ramalho de Abreu

BANCA EXAMINADORA

Dr. Breno Tenório Ramalho de Abreu – PPG/UnB

Dr. Francisco Nunes dos Reis Júnior – IFB

Dr^a. Ana Claudia Maynardes – PPG/UnB

Dr^a. Dianne Magalhães Viana – PPG/UnB (Suplente)

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

GG643a Gonzalez, Marcele Kristine Cardoso
Análise do ensino de práticas sustentáveis nos cursos de
graduação em design de moda no Distrito Federal / Marcele
Kristine Cardoso Gonzalez; orientador Breno Tenório Ramalho
de Abreu. -- Brasília, 2024.
105 p.

Dissertação (Mestrado em Design) -- Universidade de
Brasília, 2024.

1. Sustentabilidade. 2. Design de Moda. 3. Projeto
Pedagógico de Curso. 4. Distrito Federal. I. Abreu, Breno
Tenório Ramalho de, orient. II. Título.

Dedico este trabalho aos meus familiares, amigos e Deus!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a tudo e a todos que contribuíram no decorrer desta caminhada, em especial a Deus, que além do dom da vida, me presenteia diariamente com bênçãos e oportunidades maravilhosas.

Agradeço a minha amada família, em especial aos meus pais, Denise e Cesário, incentivadores e amorosos, que apoiam com todo carinho meus projetos e sonhos, e são pilares da minha formação como ser humano. Amo vocês!

Ao meu companheiro de vida Lucas, que me auxilia a todo instante e me motiva a ir atrás do que almejo, e nos momentos de angústia me segurou e suportou o processo. Obrigada meu amor pela leveza e sensibilidade da convivência diária, pelos risos, choros, realizações e frustrações compartilhados, e por amar e acreditar em mim em todos esses momentos.

Ao meu estimado orientador Professor Breno Tenório Ramalho de Abreu, por ter me acalmando e incentivando, orientando-me da melhor forma acreditando em mim e nesta pesquisa. Obrigada pela generosidade em compartilhar seu conhecimento, pelo acolhimento e paciência, pela sensibilidade em enxergar os anseios e possibilidades deste estudo, e por estar ao meu lado de maneira inspiradora!

Aos meus amigos, os de perto e os de longe, que me ouviram diversas vezes, me auxiliaram e apoiaram. Ao meu irmão de alma, Marcel, obrigada por ter sido minha bússola no início desta caminhada. A minha melhor amiga e prima, Letícia, minha referência como professora, obrigada pelo apoio emocional. Ao meu querido grupo: Ana Rita, Gabrielly, Jaqueline, Felipe, Gustavo e Daniel, que me ouviram falar incansavelmente sobre minha pesquisa, obrigada time!

E ao Senac Distrito Federal e minha equipe de trabalho: Taís, Amanda, Erasmo, Carol, Márcia, Adriana, Taísa, Vivian, Antônio, Lêda, Cássia, Carla, Larissa, Rayssa, os diretores Cíntia e Vitor e tantos outros que me incentivaram durante esses anos e me acolheram nos momentos desafiadores de conciliar os estudos e trabalho, muitíssimo obrigada.

Ao Programa de Pós-graduação em Design da Universidade de Brasília pelo apoio acadêmico.

Às instituições e seus coordenadores de curso que participaram da pesquisa disponibilizando tempo e atenção. Obrigada pelo interesse e pela prontidão em contribuir, que foram fundamentais para chegarmos até aqui.

Obrigada, de todo coração.

Educar os designers do futuro sobre práticas sustentáveis é investir na evolução da indústria da moda. (Mara Hoffman)

RESUMO

O ensino de moda no Brasil é recente, chegando ao país no final da década de 80 e sua formação deveria ter correlação direta com a sustentabilidade devido ao grande impacto ambiental que a indústria têxtil provoca ao fabricar uma peça de roupa. Ao analisar as grades curriculares das Instituições de Ensino Superior em design de moda, nota-se conteúdos em comum como história, metodologia científica, modelagem, costura, desenho e disciplinas relacionadas à material têxtil e marketing de moda, observando-se a escassez de disciplinas que abordam a sustentabilidade no aspecto ambiental e moda no contexto social, econômico e cultural, uma condição essencial para a promoção de melhorias para a população, tanto no que diz respeito ao seu bem estar quanto na sua formação. Diante disso, o presente trabalho acadêmico tem como objetivo analisar a formação do profissional de design de moda no Distrito Federal conforme as práticas sustentáveis explorando os projetos pedagógicos dos cursos e conduzindo entrevistas com os coordenadores e questionários aos alunos com intuito de compreender a integração das práticas sustentáveis no ensino-aprendizagem e efetividade do assunto na formação do futuro designer de moda. Investigamos as práticas sustentáveis nos cursos de Tecnologia em Design de Moda oferecidos pelo Centro Universitário IESB, Centro Universitário UNIP e Instituto Federal de Brasília. Adota-se uma abordagem exploratória-descritiva de natureza qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e análise documental. Para nortear a pesquisa, com base em autores exploramos conceitos como Sustentabilidade, Desenvolvimento Sustentável, Moda e Projeto Pedagógico de Curso, para com isso, aplicar as metodologias de entrevistas junto as coordenações e questionários aos alunos das instituições de ensino superior mencionadas. Para essa análise e estudo de caso, foi preciso integrar os projetos pedagógicos e respostas dos agentes, que resultou no mapeamento de estratégias como uma proposta para que os alunos atendam as demandas socioambientais da indústria da moda de forma consciente e engajada local.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Design de Moda; Projeto Pedagógico de Curso; Distrito Federal

ABSTRACT

Fashion education in Brazil is recent, arriving in the country in the late 1980s, and its curriculum should have a direct correlation with sustainability due to the significant environmental impact caused by the textile industry when producing a piece of clothing. When analyzing the curricula of Higher Education Institutions in fashion design, common contents such as history, scientific methodology, pattern making, sewing, drawing, and disciplines related to textile materials and fashion marketing are noted, observing the scarcity of disciplines addressing sustainability in environmental aspects and fashion in the social, economic, and cultural context, an essential condition for promoting improvements for the population, both in terms of their well-being and their education. Therefore, this academic work aims to analyze the training of fashion design professionals in the Federal District according to sustainable practices by exploring the pedagogical projects of the courses and conducting interviews with coordinators and questionnaires with students in order to understand the integration of sustainable practices in teaching-learning and the effectiveness of the subject in the formation of future fashion designers. We investigated sustainable practices in the Fashion Design Technology courses offered by IESB University Center, UNIP University Center, and the Federal Institute of Brasília. An exploratory-descriptive approach of a qualitative nature is adopted, based on bibliographic research and document analysis. To guide the research, based on authors, we explore concepts such as Sustainability, Sustainable Development, Fashion, and Course Pedagogical Project, in order to apply methodologies of interviews with coordinations and questionnaires to students from the mentioned higher education institutions. For this analysis and case study, it was necessary to integrate the pedagogical projects and responses of the agents, which resulted in the mapping of strategies as a proposal for students to meet the socio-environmental demands of the fashion industry in a conscious and engaged manner locally.

Keywords: Sustainability; Fashion Design; Course Pedagogical Project; Federal District

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Matriz curricular 2020 – IESB	57
Tabela 2: Matriz Curricular 2017 – IFB	60
Tabela 3: Matriz Curricular 2021 – UNIP.....	62

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ciclo de vida de um produto de moda	29
Figura 2: Ciclo de vida de um produto na economia circular	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Termologias de práticas sustentáveis na moda.....	31
Quadro 2: Impactos ambientais das fibras têxteis	39
Quadro 3: Fibras têxteis de menor impacto.....	40

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. SUSTENTABILIDADE, CONTEMPORANEIDADE E MODA.....	20
2.1. Conceito de Desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade.....	20
2.2. Agenda de 2030 e Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.....	24
2.3. Ciclo de vida do produto de moda	28
3. INDÚSTRIA DA MODA	34
3.1. Indústria da moda nacional no antropoceno.....	35
3.2. Moda Brasiliense.....	41
4. ENSINO SUPERIOR E DESIGN DE MODA	44
4.1. Cursos de Design de moda do Brasil	45
4.2. Projeto Pedagógico de Curso do Design	49
5. MÉTODOS E MATERIAIS	53
6. ESTUDO DE CASO: ANÁLISE DO ENSINO LIGADO A SUSTENTABILIDADE.	56
6.1. IESB	56
6.2. Instituto Federal de Brasília	59
6.3. UNIP.....	61
7. INSTRUMENTO DE COLETA: ENTREVISTA E QUESTIONÁRIO	64
7.1. COORDENADORES.....	65
7.2. DISCENTES	71
8. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS: PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS PARA O FUTURO DESIGNER	77
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
10. REFERÊNCIAS	88
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	95
APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS – COORDENADORES	97
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO – DISCENTES	100

APÊNDICE D – RESPOSTAS DISCENTES..... 103

1. INTRODUÇÃO

Para falar de pluralidade e responsabilidade social e ambiental, é preciso mudar a maneira como o assunto é abordado nas faculdades e universidades do país (Poerner, 2020). O ensino superior em design de moda é recente no Brasil, tendo início nos últimos anos da década de 1980 com abertura de vários cursos nas principais capitais do país, surgindo para atender demandas da indústria nacional, que necessitava de profissionais capacitados para atuar nos diversos setores da cadeia têxtil e que atualmente é responsável por impactos na extração de matérias-primas, consumo de energia, água, emissão de carbono e descarte de resíduos sólidos (Rodrigues; Dupont; Müller, 2021).

Segundo o relatório Brasil Têxtil, do Instituto de Estudos de Marketing Industrial - IEMI (2023, pág. 63) estima-se que em 2022 a produção brasileira têxtil foi de 9,7 quilogramas por habitante, uma queda de 6,0% em relação ao ano anterior, e o consumo foi de 12,8 quilogramas por habitante, uma queda de 4,6% em relação a 2021. O fluxo do comércio externo brasileiro de produtos têxteis e confeccionados apresentou crescimento no último ano, tanto em volume quanto em valores, e, apesar disso, a balança comercial foi deficitária, isto é, o país importou mais do que exportou, seguindo a tendência apresentada nos últimos anos. Tal diferença entre produção e consumo por habitante indica que parte do consumo interno foi suprido por importações e trazem na sua leitura o cenário de extração excessiva de recursos naturais, apesar da queda, ainda expressiva nos processos de produção do vestuário.

Ao analisar as grades curriculares das Instituições de Ensino Superior em design de moda, nota-se conteúdos em comum como história, metodologia científica, modelagem, costura, desenho e disciplinas relacionadas à material têxtil e marketing de moda, observando-se a escassez de disciplinas que abordam a sustentabilidade no aspecto ambiental e moda no contexto social, econômico e cultural, uma condição essencial para a promoção de melhorias para a população, tanto no que diz respeito ao seu bem estar quanto na sua formação (Mendes org., 2017).

A temática da sustentabilidade tem sido bastante discutida nos últimos anos em consequência das preocupantes alterações climáticas e da degradação do meio ambiente. O processo de sustentabilidade impele a indústria da moda a mudar, mudar para algo menos poluente, mais eficaz e mais respeitoso do que hoje; mudar a escala e a velocidade de suas estruturas de sustentação e incutir nestas um senso de interconectividade.

Tal mudança pode acontecer em muitas situações, desde o beneficiamento do material têxtil, a criação de vestuário para uma diversidade de corpos, até a melhoria da qualidade do trabalho e remuneração dos funcionários da cadeia têxtil e de confecção. Embora o termo sustentabilidade seja muito atrelado a aspectos ambientais, o meio ambiente é apenas uma das esferas possíveis. Às vezes, por exemplo, a maior mudança vem de uma série de pequenas ações individuais, não de grandes proclamações internacionais – uma percepção que a põe ao alcance de todos nós (Fletcher; Grose, 2011; Fashion Revolution, 2022).

Repensar o funcionamento atual da indústria do vestuário envolve diversos setores e agentes sociais, e considerando que a moda se constrói e se transforma substancialmente em diálogo com o vestuário e juntos contribuem para o bem-estar funcional e emocional da sociedade, é fundamental repensar a produção, o consumo, o uso e descarte, considerando o campo da moda em sua interface com o campo do design, levando em conta que vestuário é produção material e moda é produção simbólica (Fletcher; Grose, 2011, p. 119).

A Agenda 2030, estabelecida pelas Organizações das Nações Unidas (ONU), estabeleceu 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que buscam atender as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de gerações futuras de fazerem o mesmo. E o segmento da moda tem relação direta ou indireta com, pelo menos, três ODS, como ODS 04: Vida na água, ODS 08: Trabalho decente e crescimento econômico e ODS 12: Consumo e produção sustentáveis. Ainda há um longo caminho a ser percorrido, mas a maior transparência é o início de uma longa jornada (Vidal, 2020).

A noção de design sustentável e/ou para sustentabilidade compartilhada pela sociedade recai sobre utilização de fontes renováveis de produção de bens de consumo, processos produtivos limpos e descarte ambientalmente correto, sem levar em consideração o consumo e descarte desenfreado e excessivo, acometendo casos de emergência ambiental e social, como o exemplo do Deserto do Atacama, localizado no Chile, que recebe milhões de toneladas anuais de roupas da Europa, Ásia e Américas e em 2022 contabilizou 44 milhões de toneladas de lixo têxtil, de acordo com as estatísticas alfandegárias chilenas (Barlett, 2023).

Com base nesse enredo, temos um cenário propício para mudar a forma de como formamos os futuros designers, estilistas e profissionais da moda os induzindo a pensarem em soluções de conflito em torno dos preocupantes impactos ambientais e sociais, contribuindo para mudanças sistêmicas no setor, permitindo a preservação e indo de encontro aos objetivos da Agenda 2030, que está se aproximando.

Os documentos legislativos oficiais do governo federal responsáveis pelo meio ambiente, ressaltam que as instituições de ensino superior devem se preocupar com aspectos ambientais, ao pensarem seus projetos pedagógicos. Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNEA) estabelecem, como parte integrante dos projetos institucionais e pedagógicos da educação básica e superior:

[...] o compromisso da instituição educacional, o papel socioeducativo, ambiental, artístico, cultural e as questões de gênero, etnia, raça e diversidade que compõem as ações educativas, a organização e a gestão curricular (Brasil, 2012, p. 5).

Assim, entende-se que o designer de moda precisa de subsídios, em sua formação, que sustentem sua trajetória profissional pautada na prática da educação ambiental, assim como da sustentabilidade, para que possa apoiar e viabilizar o desenvolvimento de produtos sustentáveis (Calvi; Furlan; Linke, 2019). Uma vez que o ensino sensibiliza, conscientiza e mostra possibilidades.

De acordo com esse pensamento, como está sendo a formação acadêmica do futuro designer de moda no Distrito Federal para que ele atue no mercado com as demandas que esta realidade socioambiental impõe? Tal questionamento, somado à reflexão sobre as pesquisas do assunto, justifica a necessidade do olhar crítico para o perfil profissional em formação e a atualização dos projetos pedagógicos de curso, conforme orienta a Resolução nº 07 de 18 de dezembro de 2018, que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, definindo os princípios, os fundamentos e os procedimentos que devem ser observados no planejamento, nas políticas, na gestão e na avaliação das instituições de educação superior de todos os sistemas de ensino do país, além de ser uma atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa.

Reconhecendo o crescente papel que as práticas sustentáveis são necessárias no desenvolvimento dos sistemas educacionais, esta pesquisa tem o objetivo de analisar a formação do profissional de design de moda no Distrito Federal conforme as práticas sustentáveis e tem por finalidade contribuir com a ciência para o mapeamento de estratégias para a inserção das premissas de sustentabilidade na formação do aluno.

Dentro dos objetivos específicos, busca-se compreender as interligações da moda com a sustentabilidade atualmente; compreender historicamente a formação de moda no Brasil; analisar a construção dos Projetos Pedagógicos de Curso através de documentos legislativos e suas determinantes; construir os instrumentos de pesquisa para o estudo de caso; identificar se existe uma participação direta dos agentes educacionais, como coordenadores, no processo de ensino-aprendizagem, analisar as concepções dos discentes em relação a temática da sustentabilidade na formação profissional.

O trabalho justifica-se devido à escassez e importância de estudos nessas áreas, em um estado promissor em meio de novos criadores para o mercado de trabalho. Além de também surgir de uma necessidade pessoal como cidadã e designer de moda, que se manifesta na insatisfação com o modelo atual vivido pela sociedade e, conseqüentemente, numa busca de um novo paradigma que permita sociedades mais justas e equilibradas.

Este trabalho é de natureza exploratória-descritiva e de abordagem qualitativa, utilizando de pesquisa bibliográfica construído mediante revisão bibliográfica e de documentos legislativos e norteadores das instituições de ensino, explorando a formação profissional de moda brasiliense. Apresenta-se um histórico que conduz ao objeto de pesquisa e sustenta as etapas posteriores do seu desenvolvimento, levando a análise documental dos Projetos Pedagógicos de Curso e para a pesquisa de campo, conseqüentemente, para a análise e interpretação dos dados coletados. Aplicou-se entrevistas aos coordenadores e questionários e discentes das determinadas instituições de ensino superior com o objetivo costurar com a análise documental a veracidade do ensino-aprendizagem da sustentabilidade. Assim, a trajetória percorrida pela investigação encontra-se representada, na organização dessa pesquisa, pela divisão da seguinte estrutura.

Esta pesquisa está estruturada em 10 seções incluindo sumário, esta introdução e as referências bibliográficas apresentadas no final do documento.

A primeira seção, introdução, contextualiza e justifica a pesquisa, apresentando seu problema fundamental, objetivos geral e específico, procedimentos metodológicos e a maneira que a dissertação se organiza.

A segunda, terceira e quarta seção, de revisão da literatura, aborda com mais profundidade as temáticas que abrangem a pesquisa, sustentabilidade, moda, ensino e projeto pedagógico de curso.

A quinta seção, de métodos e materiais, apresenta os métodos aplicados para a realização da pesquisa, tendo a sexta, a sétima e a oitava seção dando ênfase a pesquisa documental e de campo com os resultados, expondo os dados obtidos a partir do levantamento realizado e a discussão dos dados de forma concomitante.

E por fim a nona seção, de considerações finais, traz comentários e observações com base no referencial teórico, sua contribuição e desdobramentos futuros.

2. SUSTENTABILIDADE, CONTEMPORANEIDADE E MODA

Se faz necessário para esta pesquisa, uma análise do histórico e dos conceitos básicos de desenvolvimento sustentável e sustentabilidade, para melhor formular os critérios que serão utilizados para a análise do estudo de caso dentro das Instituições de Ensino Superior do Distrito Federal.

2.1. Conceito de Desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade.

O termo desenvolvimento sustentável e sustentabilidade se tornaram de grande interesse entre estudiosos, pesquisadores e acadêmicos, depois que mudanças climáticas chamaram a atenção, causadas pela ação predatória do homem ao meio ambiente.

Entretanto, esse interesse pela conscientização ambiental é recente, e só foram percebidos como graves sinais após consequências devastadoras de duas Grandes Guerra Mundiais, o reconhecimento dos trágicos efeitos das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki; os recorrentes acidentes, registros e danos resultantes da poluição e contaminação dos leitos aquáticos e atmosféricos, além do empobrecimento progressivo da sociedade, alertando sobre a falência do modelo de desenvolvimento vivido, centrado na industrialização, produção e consumo.

No século XX, os elementos considerados essenciais para o desenvolvimento de consumo para grande parte da população mundial, como o carvão, petróleo, gás e energia, baseados no aumento da produção industrial, começaram a serem questionados devido o esgotamento dos recursos e os desequilíbrios ambientais locais e globais, percebendo que havia limites físicos, ambientais, sociais e culturais para o modelo de desenvolvimento que vinha ocorrendo desde a Revolução Industrial (Serrão; Almeida; Carestiatto, 2012, p.16).

A partir destas evidências e do descontentamento global cada vez maior com relação aos efeitos colaterais, em 1972 a Organização das Ações Unidas (ONU) convoca uma reunião de cúpula intitulada Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo – Suécia, que se torna um marco inicial da discussão ambiental e inspiração para o que seria a discussão sobre o desenvolvimento sustentável e torna-se conhecida como a Conferência de Estocolmo.

Tal evento teve impacto global, em função da seriedade dos conteúdos discutidos a níveis internacionais, e internalizou a necessidade de repensar o desenvolvimento sob uma nova perspectiva, capaz de inserir as questões ambientais e sociais aos processos em curso. A conferência é considerada um marco muito importante, pois foi o primeiro grande encontro internacional, com representantes de diversas nações para a discussão de problemas ambientais e nela consolidou-se e discutiu a relação entre desenvolvimento e cuidados com o meio ambiente (Serrão; Almeida; Carestiato, 2012, p. 12). A conferência resultou no documento da Declaração de Estocolmo, que previa 26 princípios visando a construção de uma nova perspectiva de desenvolvimento foi estabelecida a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento na esfera da ONU.

Um fator importante da época é que se considerava que os problemas ambientais eram oriundos da pobreza, identificada como principal fonte de poluição, e que o fato de demandarem mais alimentos, habitações, saúde, emprego e condições sanitárias era mais importante e prioritário do que reduzir a poluição da atmosfera, ou seja, o desenvolvimento do país não poderia ser sacrificado devido as preocupações ambientais, pois estas poderiam prejudicar os países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos (Serrão; Almeida; Carestiato, 2012, p. 12).

Com os desdobramentos e discussão desse grupo, em 1987 é utilizado e instituído pela primeira vez o conceito de sustentabilidade ambiental, ou desenvolvimento sustentável, através do relatório Nosso futuro comum ou Relatório Brundtland, definindo a expressão como o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a satisfação das necessidades das gerações futuras (Manzini; Vezzoli, 2016; Salcedo, 2014).

O conceito de sustentável, ou sustentabilidade, também tem origem da biologia, esta que estuda a natureza e é aplicada pelas ciências que estudam a sociedade. Na biologia, o conceito é utilizado para medir o quanto certo ambiente ou ecossistema suporta mudanças

sem ser totalmente destruído. Portanto, criou-se esse termo para poder estudar a natureza e os processos e ciclos naturais, aplicando esses conhecimentos na conservação e preservação desses ambientes (Serrão; Almeida; Carestiato, 2012, p. 19).

O conceito de sustentabilidade então foi adaptado para ser utilizado nas ciências que estudam a sociedade, sem deixar de preocupar-se com a sustentabilidade no ambiente natural e relaciona-se ao termo “desenvolvimento sustentável”, determinando como aquele que atende às necessidades das gerações atuais sem comprometer as gerações futuras, não sendo sinônimos e sim o desenvolvimento sustentável é o caminho que leva à sustentabilidade.

Logo, sustentabilidade é a condição ou qualidade de algo que pode se sustentar, defender, manter ou conservar. Ela necessita de uma avaliação quantitativa, para mensurar o nível ou a qualidade de um sistema, que pode ser por indicadores e modalidades (Ferreira *et al.*, 2015). O desenvolvimento sustentável possui como cerne um modo de desenvolvimento capaz de compatibilizar crescimento econômico, manutenção da natureza nos seus limites de restauração e justiça social, definidos como seus fundamentos, ou dimensões (Nascimento, 2012; Irving; Oliveira, 2012).

Segundo Serrão, Almeida e Carestiato (2012), as cinco dimensões do desenvolvimento sustentável buscam contribuir para a transformação da realidade tanto no nível individual como no coletivo, sendo: social, ecológica, política, cultural e econômica onde buscam possibilidades de reinventar o mundo, mudar o futuro e tomar as rédeas do destino da sociedade.

A primeira dimensão, a social, tem como principal objetivo a construção de uma civilização que obtenha a redução das desigualdades sociais, com equilíbrio na distribuição da riqueza para as gerações atuais, bem como para as futuras, e para isso é necessário existir a igualdade no acesso aos recursos e serviços disponíveis. Desta forma que é imprescindível que todos os cidadãos tenham o mínimo necessário para uma vida digna e que ninguém absorva bens, recursos naturais e energéticos que sejam prejudiciais a outros. Isso significa erradicar a pobreza e definir o padrão de desigualdade aceitável, delimitando limites mínimos e máximos de acesso a bens materiais

A segunda dimensão, a ecológica, propõe o uso de ecossistemas com o mínimo de destruição, permitindo que a natureza encontre novos equilíbrios de recomposição por meio

de uma utilização que obedeça ao ciclo natural de vida e renovação, além da preservação de fonte de recursos energéticos e naturais. Trata-se, portanto, de produzir e consumir de forma a garantir que os ecossistemas possam manter sua auto reparação ou capacidade de resiliência. Para alcançá-la, é essencial a promoção de mudanças no padrão de produção e consumo da sociedade, com a valorização dos produtos gerados em processos socialmente justos, pautados no equilíbrio ambiental.

A terceira dimensão, a política, tem como meta o fortalecimento das instituições democráticas e a promoção da cidadania ativa, onde as necessidades de diferentes grupos deverão ser levadas em consideração, promovendo e garantindo acesso universal aos direitos fundamentais, como de participação, expressão, associação, locomoção e acesso às informações, itens indispensáveis ao desenvolvimento pessoal e coletivo. Também é válido ressaltar a construção de projetos alternativos de desenvolvimento envolvendo governos e sociedade, assegurando canais e formas de participação efetiva de todos os segmentos e grupos sociais, principalmente aqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

A quarta dimensão, a cultural, busca-se o equilíbrio entre o respeito à tradição e a pesquisa por inovações tecnológicas, aquelas que são criadas com base na ciência e deve-se prezar pela pluralidade de soluções e a valorização da diversidade cultural, respeitando às especificidades de cada ecossistema, de cada cultura e de cada local.

A quinta e última dimensão, a econômica, está relacionada à gestão eficiente dos recursos econômicos e naturais buscando o desenvolvimento local, onde não apenas o lucro empresarial é importante, mas o equilíbrio econômico de toda sociedade. Este tipo de gestão depende de decisões que contribuam para a satisfação dos interesses e necessidades de todos, beneficiando a sociedade e não apenas uma pequena parcela. Esta dimensão também visa o aumento da eficiência da produção e do consumo com economia crescente de recursos naturais, com destaque para recursos permissivos como as fontes fósseis de energia e os recursos delicados e mal distribuídos, como a água e os minerais. Trata-se daquilo que alguns denominam como ecoeficiência, que supõe uma contínua inovação tecnológica que nos leve a sair do ciclo fóssil de energia (carvão, petróleo e gás) e a ampliar a desmaterialização da economia.

Portanto, a sustentabilidade é um objetivo a ser atingido e não uma direção a ser seguida. Ou seja, nem tudo que apresenta algumas melhorias em temas ambientais pode ser considerado realmente sustentável. É importante considerar que o processo de alcançar não é linear e nem resulta de consensos. Ele se constrói com avanços e retrocessos e tempos distintos de resposta, segundo o contexto vivido. O processo de mudança se consolida, muitas vezes, a partir de imprevistos ou movimentos mais localizados que terminam por ter alcance global (Manzini; Vezzoli, 2016; Irving; Oliveira, 2012).

Muitas vezes esquecida por nossa sociedade, nossa vida e das futuras gerações depende do funcionamento a longo prazo do intrincado de ecossistemas que, por simplicidade, chamamos de natureza. As atividades humanas transformam o ambiente, gerando resíduos que alteram a qualidade do meio natural. Esses resíduos, por sua vez, podem comprometer o próprio desenvolvimento social e econômico, ecoando na qualidade e capacidade produtiva de energia, alimentos e matérias-primas do meio que vivemos (Manzini; Vezzoli, 2016).

Diante disso, o desenvolvimento sustentável é um conceito que coloca em xeque o modelo econômico vigente e por isso, muitas vezes, não tem encontrado terreno fértil para sua expansão. E quer se discuta no passado, presente ou futuro, a noção de sustentabilidade tem sua origem, direta ou indiretamente, na constatação da insustentabilidade dos modos de produção e consumo das sociedades pós-industriais (Irving; Oliveira, 2012).

2.2. Agenda de 2030 e Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

A origem da discussão sobre desenvolvimento sustentável, e posteriormente, sustentabilidade, partiu da percepção das consequências ambientais perversas decorrentes de um modelo de crescimento econômico originado no período pós-industrial que privilegiou, historicamente, o uso ilimitado da natureza, a acumulação de riquezas por alguns e a exclusão de grande parte das populações humanas de padrões dignos de sobrevivência (Irving; Oliveira, 2012).

Conforme supracitado, a conceituação de sustentabilidade tem duas origens. A primeira, na biologia, por meio da ecologia, que se refere à capacidade de recuperação e reprodução dos ecossistemas em face de agressões antrópicas (uso abusivo dos recursos naturais, desflorestamento, fogo etc.) ou naturais (terremoto, tsunamis, fogo etc.). A segunda, na economia, como adjetivo do desenvolvimento, em face da percepção crescente ao longo do

século XX de que o padrão de produção e consumo em expansão no mundo, sobretudo no último quarto desse século, não tem possibilidade de perdurar. Ergue-se, assim, a noção de sustentabilidade sobre a percepção da finitude dos recursos naturais e sua gradativa e perigosa depleção (Nascimento, 2012).

A Assembleia Geral das Nações Unidas, realizada em Nova York, em setembro de 2015, com a participação de 193 estados membros, estabeleceu 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e 169 metas, constituindo a Agenda 2030 da ONU, que é um plano global para atingir em 2030 um mundo melhor para todos os povos e nações. O compromisso assumido pelos países com a agenda envolve a adoção de medidas ousadas, abrangentes e essenciais para promover o Estado de Direito, os direitos humanos e a responsabilidade das instituições políticas (Brasil, 2015).

A nova Agenda é guiada pelos propósitos e princípios da Carta das Nações Unidas, incluindo o pleno respeito pelo direito internacional. Fundamenta-se na Declaração Universal dos Direitos Humanos, tratados internacionais de direitos humanos, a Declaração do Milênio e os resultados da Cúpula Mundial de 2005. Ela é informada por outros instrumentos, tais como a Declaração sobre o Direito ao Desenvolvimento. Os objetivos foram construídos sobre as bases estabelecidas pelos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), os quais estiveram em vigor entre os anos de 2000 e 2015, e há ações sendo implementadas que estão aproveitando o trabalho realizado com os ODM, outras iniciam um trabalho novo.

Segundo a Organização das Nações Unidas – ONU, os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e as metas são integrados e indivisíveis, de natureza global e universalmente aplicáveis, tendo em conta as diferentes realidades, capacidades e níveis de desenvolvimento nacionais e respeitando as políticas e prioridades nacionais. As metas são definidas como aspiracionais e globais, com cada governo definindo suas próprias metas nacionais, guiados pelo nível global de ambição, mas levando em conta as circunstâncias nacionais. Cada governo também vai decidir como essas metas aspiracionais e globais devem ser incorporadas nos processos, políticas e estratégias nacionais de planejamento. É importante reconhecer o vínculo entre o desenvolvimento sustentável e outros processos relevantes em curso nos campos econômico, social e ambiental (Brasil, 2015).

De maneira resumida, os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável são:

01 – Erradicação da pobreza: acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares.

02 – Fome zero e agricultura sustentável: acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável.

03 – Saúde e bem-estar: assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.

04 – Educação de qualidade: assegurar a educação inclusiva, e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

05 – Igualdade de gênero: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

06 – Água limpa e saneamento: garantir disponibilidade e manejo sustentável da água e saneamento para todos.

07 – Energia limpa e acessível: garantir acesso à energia barata, confiável, sustentável e renovável para todos.

08 – Trabalho decente e crescimento econômico promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo, e trabalho decente para todos.

09 – Inovação infraestrutura: construir infraestrutura resiliente, promover a industrialização inclusiva e sustentável, e fomentar a inovação.

10 – Redução das desigualdades: reduzir as desigualdades dentro dos países e entre eles.

11 – Cidades e comunidades sustentáveis: tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

12 – Consumo e produção responsáveis: assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis.

13 – Ação contra a mudança global do clima: tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos.

14 – Vida na água: conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares, e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.

15 – Vida terrestre: proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da Terra e deter a perda da biodiversidade.

16 – Paz, justiça e instituições eficazes: promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

17 – Parcerias e meios de implementação: fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Portanto, os objetivos e metas são integrados e abrangem as cinco dimensões do desenvolvimento sustentável – social, ecológica, política, cultural e econômica – e podem ser colocados em prática por governos, sociedade civil, setor privado e por cada cidadão comprometido com as gerações futuras. No Brasil, produz-se o Relatório Luz, documento que faz uma análise do cumprimento das metas da Agenda 2030 no Brasil, tendo como base dados oficiais divulgados pelo Governo Federal.

Tendo sua sétima edição publicada, o Relatório Luz foi escrito por 82 especialistas de 41 instituições, que, além da análise dos 17 ODS no Brasil, ainda produziram 162 recomendações ao Governo Federal. Nesta edição, o relatório mostra que 102 metas (60,35%) estão em situação de retrocesso, 14 (8,28%) ameaçadas, 16 (9,46%) estagnadas em relação ao período anterior, 29 (17,1%) com progresso insuficiente, apenas 3 (1,77%) com progresso satisfatório, 4 (2,36%) delas sem dados suficientes para classificação, sendo que 1 (0,59%) não se aplica ao Brasil (Vidal, 2023).

Diante disso, o relatório questiona “Será possível retomar o caminho do desenvolvimento sustentável?” e afirma que sim, se seguir as 162 recomendações apresentadas. Todavia, exigirá uma mudança de paradigma que norteiam a sociedade como

naturalização de privilégios, corrupções, a heteronormatividade, o sexismo e o racismo estrutural, problemas que persistem como marcas no Brasil.

O desenvolvimento sustentável demanda processos democráticos, basilares para a construção de sociedades equitativas para todas as partes interessadas, o que somente poderá ser alcançado com a participação efetiva de uma sociedade civil organizada, independente e proativa. Ou seja, para ser sustentável, para ser verdadeiramente coerente com os princípios de equidade das gerações atuais e futuras, cada nova proposta feita por governos, sociedade civil, setor privado e por cada cidadão precisa alcançar os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (Manzini; Vezzoli, 2016).

Diante disso, cabe a formação de pessoas através da educação sobre a realidade da qual fazem parte para que haja uma transformação no padrão de desenvolvimento atual, uma vez que a capacidade e a inteligência para refletir de forma crítica sobre os problemas e a vontade de mudar fazem parte dos seres humanos (Serrão; Almeida; Carestiato, 2012 p.148).

Partindo desse pressuposto, alinhado ao objetivo desta pesquisa que é analisar a formação do profissional de design de moda no Distrito Federal conforme as práticas sustentáveis, nota-se a devida importância da contextualização da sustentabilidade no período de formação do aluno prestes a se tornar designer, uma vez que esse profissional é responsável por inserir novos produtos e materiais no ambiente e sociedade, tendo em vista que, nos próximos anos, deveremos ser capazes de passar de uma sociedade em que a saúde e bem-estar, atualmente medidos por crescimento das produção e consumo material, seja relacionado ao menor consumo e uma economia capaz de reduzir a produção de produtos materiais. (Manzini; Vezzoli, 2016, p.31).

Assim, a moda e o design podem contribuir para essa mudança, onde a sociedade passará a consumir menos e melhor, e certamente o ensino e a formação acadêmica dos designers de moda precisam contemplar estas esferas em seus currículos pedagógicos fomentando a disseminação de uma cultura de moda sustentável. Partindo disso, iniciaremos a contextualização de práticas sustentáveis na moda e suas correlações com a sustentabilidade.

2.3. Ciclo de vida do produto de moda

Propor o desenvolvimento do design para a sustentabilidade significa promover a capacidade do sistema produtivo de responder à procura social de bem-estar utilizando uma

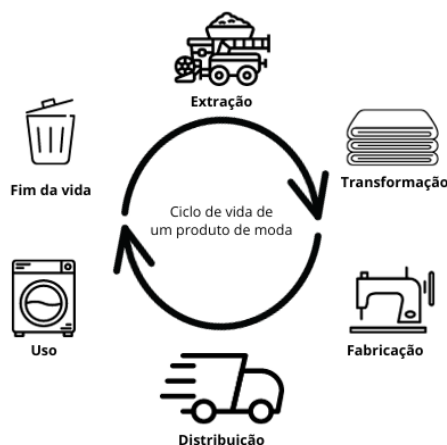
quantidade de recursos ambientais drasticamente inferior aos níveis atualmente praticados. O design para a sustentabilidade pode ser reconhecido como uma espécie de design estratégico, ou seja, o projeto de estratégias aplicadas pelas empresas que se impuseram seriamente a perspectiva da sustentabilidade ambiental (Manzini; Vezzoli, 2016).

No contexto de moda, apesar da dificuldade em diminuir o impacto do desperdício, poluição e gasto energético, que são alguns dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, é necessário envolver os atores no controle da cadeia produtiva e/ou de suprimentos com o intuito de tomar decisões mais éticas em relação aos impactos socioambientais do ciclo de vida do produto e construir uma cultura em prol da sustentabilidade e suas dimensões (Hethorn; Ulasewicz, 2008).

Salcedo (2014) esclarece que ciclo de vida de um produto não se refere à evolução das vendas de um artigo durante o tempo que ele permanece no mercado, e sim à cadeia de processos que intervém em sua vida útil, desde a extração da matéria-prima com a qual será fabricada até a eliminação de seus resíduos.

Ao analisar sob a ótica ambiental, é necessário compreender as fases que compõe a vida do produto, bem como identificar os tipos de impactos ambientais gerados em cada fase, sendo necessário quantificar os recursos extraídos e utilizados, os rejeitos devolvidos ao planeta e os impactos gerados para poder traçar estratégias de redução de impactos por fase. De acordo com Barros (2020) e Salcedo (2014) de maneira macro, o ciclo de vida de um produto de moda está desenhada em seis fases: 1) extração, 2) transformação, 3) fabricação, 4) distribuição, 5) uso e 6) fim da vida (figura 1).

Figura 1: Ciclo de vida de um produto de moda



Fonte: Adaptado de Barros (2020) e Salcedo (2014)

Nas fases de 1) extração, 2) transformação e 3) fabricação, devemos identificar o tipo de material usado no produto, conhecer os processos de extração, transformação e fabricação somado aos seus impactos na natureza. Muito comumente são nessas fases que se identificam impactos relacionados ao uso demasiado de energia, água, degradação e contaminação do solo, além de rejeitos e sobras da produção, que geram perdas ambientais e econômicas. (Barros, 2020).

Já na fase 4) distribuição, considera-se o impacto do transporte necessário para levar o produto da fábrica ao consumidor. Costuma-se calcular o impacto de CO² em função das distâncias percorridas e do tipo de transporte utilizado (Barros, 2020).

Na fase 5) uso do produto, representa todo o impacto que o produto gera durante seu uso por cada consumidor, como o caso dos microplásticos liberados durante a lavagem das roupas sintéticas, que ao serem lavadas liberam microfibras, que são uma categoria de microplásticos de forma fibrosa. Não há precisão sobre a quantidade liberada no ato da lavagem, mas já se sabe que ela é o suficiente para causar impactos negativos (Barros, 2020; Legnaioli, 2023).

A última fase, 6) fim da vida, trata-se do descarte do produto quando já não atende as necessidades primárias do seu uso, sendo uma das mais problemáticas e preocupantes para o planeta. A depender da matéria-prima utilizada e da forma que foi projetado e produzido, o produto pode seguir diferentes destinos: aterro sanitário, reuso, reciclagem ou se tornar material para um novo produto (Barros, 2020).

Segundo Barros (2020), colocar o “pensamento ciclo de vida” como regra e não como opção no processo de desenvolvimento de novos produtos é a única forma de continuarmos produzindo, gerando riquezas e inovações. Isso mostra o quão é importante a consciência do designer de moda ao projetar e produzir um novo produto a ser inserido no mercado.

Diante disso, a integração da sustentabilidade no mundo da moda pode ser entendida de diversas maneiras, logo, há variadas terminologias para definir a sustentabilidade no campo, todavia ainda permanece inconclusiva e aberta, apresentando cerca de 100 termos diferentes aplicados de forma intercambiável. Segundo Salcedo (2014), as terminologias mais

habituais aplicáveis são: ecomoda, moda ética, *slow fashion* e moda mais sustentável. Assim, expõem-se as definições no quadro 1 abaixo.

Quadro 1: Termologias de práticas sustentáveis na moda

Termologias	Definições
Ecomoda	Também denominada moda bio, moda ecológica e moda orgânica, ela engloba todos os produtos de moda, seja vestuário ou acessório, desenvolvidos por métodos menos prejudiciais ao meio ambiente, enfatizando a redução de impactos ambientais (Salcedo, 2014, p.33).
Moda ética	Considera além do meio ambiente, se concentrando também na saúde dos consumidores e condições de trabalho das pessoas na indústria da moda, recaindo tanto sobre o aspecto ambiental como social (Salcedo, 2014, p.33).
<i>Slow Fashion</i>	Não é o contrário de <i>fast fashion</i> , como atualmente é associado, a moda lenta, em tradução, trata-se de um enfoque diferente, segundo o qual os criadores e público estão mais conscientes do impacto das roupas nas pessoas e ecossistemas, visualiza o consumidor e seus hábitos parte da cadeia produtiva e é um conceito baseado na qualidade, relacionado ao tempo dedicado a confecção do produto (Salcedo, 2014, p.33).
Moda mais sustentável	Inclui todas as alternativas acima e abrange todas as iniciativas que permitem que a indústria da moda suscite ao longo do tempo, dados aos recursos que dispomos e garante igualdade e justiça social. Trata-se, portanto, de todas as iniciativas que promovem boas práticas sociais e ambientais, incluindo uma redução na produção e no consumo (Salcedo, 2014, p.33).

Fonte: Adaptado de Salcedo (2014)

Salcedo (2014) utiliza a expressão “moda mais sustentável” pois reconhece que a criação de qualquer produto causa, impreterivelmente, algum impacto ambiental, não afirmando que o produto seja totalmente sustentável e corrobora com o objetivo da pesquisa, onde práticas sustentáveis é qualquer atitude que venha a se tomar ao projetar um produto de moda a ser inserido no mercado.

Também faz parte de uma prática sustentável a inclusão e a diversidade dentro da moda. Os consumidores atuais exigem representatividade que inclui etnia, orientação sexual, identidade de gênero, condição socioeconômica, status marital, deficiências, idade, e muitas outras nuances que são cruciais para construir uma indústria mais representativa e igualitária (Moreira, 2021).

Em uma sociedade em que determinados padrões corporais e de comportamento são apresentados como ideais, indivíduos são postos à margem por não corresponderem a estes. Essa marginalização é reafirmada, frequentemente, pela prática do design de moda, usualmente orientada a padrões de corpos e indivíduos criados e idealizados, muitas vezes inexistentes ou correspondentes a uma parcela ínfima da sociedade (Lima, 2018, p. 141).

Todas as práticas citadas emergem em um cenário que beneficiam dentro da indústria da moda o crescimento econômico baseado na exploração dos recursos naturais e precarização da mão de obra promovido pelo *fast fashion*, todavia, esses movimentos supracitados, tratam de um enfoque diferente, segundo o qual estilistas, compradores, distribuidores e consumidores estão mais conscientes do impacto das roupas sobre pessoas e ecossistemas (Salcedo, 2014).

Um exemplo são os brechós, onde o discurso da sustentabilidade é constante no setor, e com razão: tudo indica que a comercialização de roupas usadas implica em um menor impacto socioambiental, uma vez que evita a necessidade de criar peças novas e de passar por toda a cadeia de produção da moda atual. Estudos recentes mostram que comprar e usar roupas de segunda mão, ao invés de novas, pode reduzir as emissões de carbono em 25% (Fashion Revolution, 2023).

Tal atitude corrobora com a necessidade de cortar as emissões de CO₂eq pela metade para manter o aquecimento global no limite de 1.5°C até 2030, o que ajudaria amenizar o futuro já comprometido com secas, inundações e catástrofes ambientais e para isso, a indústria têxtil, que possui grande responsabilidade nessa equação, necessita em suas lideranças políticas e empresariais de mais comprometimento e seriedade com as questões climáticas (Modifica, 2021).

No entanto, esse setor não está isento de gerar seus próprios impactos socioambientais. Isso porque ele também envolve estruturas organizacionais, fornecedores, logística de transporte e consumo de energia, entre outros fatores, sendo um segmento bilionário e que, somente em 2022, movimentou mais de 177 bilhões de dólares, podendo chegar à marca de mais de 350 bilhões até 2027.

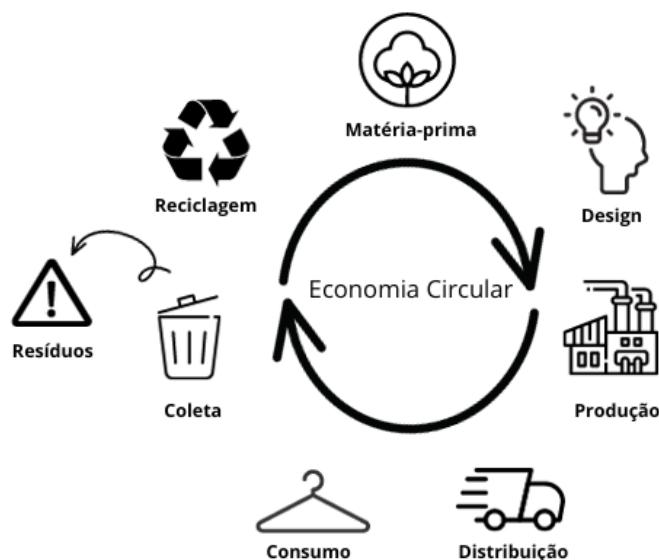
Logo, a terminologia que brechó é sustentável não necessariamente é verdade, pois embora eles tenham a tendência de serem mais sustentáveis, pois são uma forma de prorrogar

a vida útil da peça de roupa, há também seus próprios impactos socioambientais, uma vez que possuem uma estrutura organizacional, fornecedores, transporte e gasto de energia, por exemplo. Em larga escala, essa estrutura pode ser ainda mais complicada e, por isso, fatores socioambientais devem sempre ser considerados (Castanheira, 2023).

Contudo temos a economia circular, que é uma alternativa para sistema de produção linear, onde as roupas são recuperadas do descarte e reinseridos no processo de produção, ou seja, trata-se de um modelo que após o seu fim de vida, o produto deve se tornar matéria prima para outro produto ou serviço. Brangart e McDonough (2013) defendem a necessidade de um sistema de produção cíclico intitulado “do berço ao berço” em contraponto ao sistema de produção linear atual, denominado “do berço ao túmulo”, exemplificando que no modelo atual, o produto é projetado para morrer e virar lixo, e na teoria “do berço ao berço”, o produto nunca morre, tornando-se ao fim da vida recursos para outro produto.

Para garantir a circularidade dos produtos, é necessária uma reestruturação das fases de produção (figura 2) focados em: 1) Minimizar o consumo de recursos naturais; 2) Reduzir o uso de energia; 3) Evitar geração de resíduos; e 4) Maximizar a criação de valor social e ambiental. O objetivo é pensar que ao projetar um produto, o resíduo deixado por ele, tenha valor econômico e possa servir de matéria-prima para novos bens de consumo (Lacerda, 2022).

Figura 2: Ciclo de vida de um produto na economia circular



Fonte: Adaptado Costa e Broega (2023)

Portanto, é difícil generalizar o nível de impacto final de um material concreto, uma vez que dependerá de inúmeras variáveis como país em qual foi produzido, legislação local, a gestão ambiental do fornecedor, tecnologias e inovações utilizadas, entre outros fatores. O verdadeiro desafio da inserção de práticas sustentáveis na moda, é repensando e redefinindo a forma de desenhar, produzir, distribuir e utilizar as peças. A partir do momento que o designer/estilista incentiva a utilização de processos de produção mais sustentáveis e a mudança de comportamento por parte do consumidor no que se refere a usabilidade das peças, deixamos de falar de design sustentável e começamos a falar de design para sustentabilidade (Salcedo, 2014).

Diante disso, no processo educacional de formação do designer deve ser alimentado por todas as perspectivas e práticas utilizadas dentro da moda, tornando-se intrínseca no processo de construção profissional, sem rotulações e muito menos com práticas denominadas “*greenwashing*”, onde passam uma imagem ecologicamente responsável que não condiz com a realidade (Lee; Mendes, 2021). Partindo desse pressuposto, se faz necessário despertar uma consciência socioambiental e sensibilizar estudantes da moda sobre o impacto de suas decisões no ciclo de vida de produção.

3. INDÚSTRIA DA MODA

A informação de moda faz contribuições expressivas na construção de uma sociedade, pois é ela que transmite e dá identidade ao indivíduo, propicia troca de experiências, transpõe conceitos na prática e desenvolve forças produtivas que aumentam a produção de bens e serviços (Feghali; Schmid, 2013).

Além disso, cumpre um papel importante como interface entre o ser humano e o seu entorno, participando ativamente da adaptação física ao ambiente e da mediação de expressões individuais e sociais (Sanches, 2017).

Portanto, para correlacionar a moda ao caminho até aqui percorrido, se faz necessário contextualizar a indústria da moda no antropoceno a fim de detectar qual o cenário que o designer de moda irá atuar profissionalmente.

3.1. Indústria da moda nacional no antropoceno

O antropoceno é um conceito temporal no tempo geológico: a Idade Humana e refere-se a uma época em que o mundo humano e a Terra física entram em uma nova fase, esta a atual na qual vivemos, a era dos humanos (Delanty, 2018).

De acordo com a Associação Brasileira de Indústria Têxtil - ABIT (2022) o Brasil ocupa a quarta posição entre os maiores produtores mundiais de artigos do vestuário e a quinta posição entre os maiores produtores de manufaturas têxteis. O país detém a rede produtiva mais completa do ocidente, partindo desde a produção das fibras, fiação, tecelagem, beneficiamento, confecção, varejo e desfiles de moda. Anualmente no Brasil são confeccionadas cerca de 8,9 bilhões de peças, o equivalente, em média a 42,5 peças/ano por habitante (Modifica, 2021).

Referência mundial na produção de jeans, a indústria têxtil brasileira é a quarta maior produtora de denim e malhas no mundo e se destaca também por ser a quarta maior consumidora de denim. Com uma fatia de mercado de apenas 0,3%, o Brasil ocupa o 83º na lista de países exportadores de vestuário, o que representa USD 2,57 milhões (Iemi, 2019 *apud*. Modifica, 2021).

Conseqüentemente, sendo a indústria da moda uma geradora de resíduos sólidos têxteis, o país encontra-se entre um dos grandes poluidores ambientais com o descarte do refugo têxtil. Todavia, existe uma escassez de dados, informações e estudos sobre os impactos sociais e ambientais da indústria da moda no Brasil. Segundo o relatório Fios da Moda (2021)¹, a extensa pesquisa para o presente documento, revelou uma lacuna importante de informações e reforçou a urgência de fomentar a transparência e rastreabilidade na rede produtiva da moda para além do elo 01, ou seja, da confecção.

Além de diversas questões sociais estão relacionadas ao setor e incluem: más condições de trabalho, trabalho análogo ao escravo, subcontratações, falta de proteção para uso de agrotóxicos e substâncias químicas, trabalho infantil, entre outros.

O Índice de Transparência da Moda Brasil de 2022, da Fashion Revolution, também aponta que o progresso da indústria de vestuário nacional em direção a transparência de seus

¹ Vale ressaltar que 2021 é um período atípico por ter sido acometido pela pandemia do Covid-19.

processos como políticas, práticas e impactos sociais e ambientais foi de 17%, tendo sido analisadas 60 marcas de impacto nacional da indústria varejistas.

Não há como responsabilizar empresas e governos se não pudermos saber o que realmente está acontecendo nas cadeias de fornecimento. As empresas têm a responsabilidade de olhar para suas cadeias, identificar os possíveis riscos e impactos aos direitos humanos e ao meio ambiente, e resolvê-los. A falta de visibilidade sobre esses tópicos abre brechas para que condições de trabalho degradantes e danos ambientais ocorram.

A vastidão de aplicações e, conseqüentemente, os inúmeros processos pelos quais um produto têxtil é passível de percorrer em sua fabricação, demonstra a variedade e complexidade desta cadeia produtiva. Neste sentido, as possibilidades de caracterização ambiental do setor têxtil e de confecção são amplamente diversas e de difícil definição, uma vez que a cadeia possui empresas que demandam diferentes insumos para a produção (CNI, 2017).

Com a intenção de reduzir o impacto dos resíduos sólidos no meio ambiente, em 2010 foi instituída no Brasil a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei nº 12.305/10 que determina uma série de princípios e objetivos de gerenciamento ambiental que devem ser cumpridas em todo o território nacional (Tera, 2019).

Segundo a Lei nº 12 de agosto de 2010, os princípios e objetivos da Política Nacional de Resíduos Sólidos são:

Art. 6º São princípios da Política Nacional de Resíduos Sólidos:

I - a prevenção e a precaução;

II - O poluidor-pagador e o protetor-recebedor;

III - a visão sistêmica, na gestão dos resíduos sólidos, que considere as variáveis ambiental, social, cultural, econômica, tecnológica e de saúde pública;

IV - o desenvolvimento sustentável;

V - a ecoeficiência, mediante a compatibilização entre o fornecimento, a preços competitivos, de bens e serviços qualificados que satisfaçam as necessidades humanas e tragam qualidade de vida e a redução do impacto ambiental e do consumo de recursos naturais a um nível, no mínimo, equivalente à capacidade de sustentação estimada do planeta;

VI - a cooperação entre as diferentes esferas do poder público, o setor empresarial e demais segmentos da sociedade;

VII - a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos;

VIII - o reconhecimento do resíduo sólido reutilizável e reciclável como um bem econômico e de valor social, gerador de trabalho e renda e promotor de cidadania;

IX - o respeito às diversidades locais e regionais;

X - o direito da sociedade à informação e ao controle social;

XI - a razoabilidade e a proporcionalidade.

Art. 7º São objetivos da Política Nacional de Resíduos Sólidos:

I - proteção da saúde pública e da qualidade ambiental;

II - não geração, redução, reutilização, reciclagem e tratamento dos resíduos sólidos, bem como disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos;

III - estímulo à adoção de padrões sustentáveis de produção e consumo de bens e serviços;

IV - adoção, desenvolvimento e aprimoramento de tecnologias limpas como forma de minimizar impactos ambientais;

V - redução do volume e da periculosidade dos resíduos perigosos;

VI - incentivo à indústria da reciclagem, tendo em vista fomentar o uso de matérias-primas e insumos derivados de materiais recicláveis e reciclados;

VII - gestão integrada de resíduos sólidos;

VIII - articulação entre as diferentes esferas do poder público, e destas com o setor empresarial, com vistas à cooperação técnica e financeira para a gestão integrada de resíduos sólidos;

IX - capacitação técnica continuada na área de resíduos sólidos;

X - regularidade, continuidade, funcionalidade e universalização da prestação dos serviços públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos, com adoção de mecanismos gerenciais e econômicos que assegurem a recuperação dos custos dos serviços prestados, como forma de garantir sua sustentabilidade operacional e financeira, observada a [Lei nº 11.445, de 2007](#);

XI - prioridade, nas aquisições e contratações governamentais, para:

a) produtos reciclados e recicláveis;

b) bens, serviços e obras que considerem critérios compatíveis com padrões de consumo social e ambientalmente sustentáveis;

XII - integração dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis nas ações que envolvam a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos;

XIII - estímulo à implementação da avaliação do ciclo de vida do produto;

XIV - incentivo ao desenvolvimento de sistemas de gestão ambiental e empresarial voltados para a melhoria dos processos produtivos e ao reaproveitamento dos resíduos sólidos, incluídos a recuperação e o aproveitamento energético;

XV - estímulo à rotulagem ambiental e ao consumo sustentável

Sua proposta tem o objetivo de valorizar e colocar em prática hábitos de consumo mais sustentáveis e criar meios para aumentar a reciclagem e reutilização de resíduos sólidos. Ainda que os resíduos têxteis não estejam regulamentados no princípio do poluidor, esse resíduo pode e deve ser restituído aos seus geradores para que sejam tratados ou reaproveitados como material em seus processos produtivos, ampliando as possibilidades de reciclagem (Greenplat, 2019).

E apesar de representar um marco regulatório de grande importância para a proteção do meio ambiente, a política ainda se mantém dentro do paradigma da economia linear. Nesse modelo econômico os recursos são extraídos, transformados em produtos, consumidos e descartados após o fim do seu ciclo de vida (Modifica, 2021, p. 42).

Todavia, apesar da lei ser vigente no estado do Distrito Federal, cidade onde a pesquisa é realizada, segundo a Lei Distrital no 5.610/2016, as empresas podem não ser consideradas como Grandes Geradores por produzirem menos de 120 l/dia de Resíduo, já que o retalho de tecido, ou resíduo têxtil, é considerado, se separado corretamente, um material reciclável, com isso as empresas não estão sendo consideradas como Grandes Geradoras (Sousa, 2019, p.122).

Lacerda (2022) define que existem sim, instrumentos muito importantes e que demonstram a tentativa de avançar para um desenvolvimento mais sustentável, como se comprova do estabelecimento dos sistemas de logística reversa como mecanismo de retorno do resíduo ao ciclo produtivo, devolvendo valor econômico aquele. No entanto, somente a operação da logística reversa, não é suficiente para prevenir os danos ambientais que o acúmulo ostensivo de resíduos têxteis pode causar em breve.

E quando olhamos para reciclagem e reutilização de resíduos, é necessária uma análise separadamente. Braungart e McDonough (2013) citam que reusar resíduos dão as indústrias e consumidores a sensação de que algo bom está sendo feito pelo meio ambiente, pois acarretam a sensação de parecerem “ir embora”. Todavia, esses resíduos e suas possíveis toxinas e contaminantes, são simplesmente transferidas de um lugar para o outro, a menos que os materiais sejam projetados especificamente para, por fim, retornar para circularidade.

E quanto a reciclagem, a maior parte daquilo que se acredita ser reciclagem é subciclagem, um processo que acaba reduzindo a qualidade de um material ao longo do

tempo. A grande quantidade de materiais presentes em uma peça, incluindo acessórios e demais enfeites, e uso de fibras têxteis misturadas, passaram a representar um obstáculo para a reciclagem uma vez terminada a fase de consumo. Salcedo (2014) define que uma possível resposta para esse problema seria o desenvolvimento de um “design para reciclagem”, no qual o estilista deve pensar, ainda durante a concepção do produto, na desmontagem da peça.

Muitas vezes, as discussões sobre sustentabilidade na moda acabam girando em torno da inovação no design, de novos materiais e, principalmente, da crença de que podemos consumir de forma consciente para escapar da crise climática (Fashion Revolution, 2021). Porém, fala-se pouco sobre quem trabalha nas marcas e como é a operacionalização dos seus modelos de negócios, de quem cria até quem produz, com metas irreais de produção.

Ao entender melhor os impactos ambientais das fibras têxteis ao longo de todo seu ciclo de vida, onde encontram-se em três grupos: Fibras naturais, Fibras sintéticas e Fibras artificiais (Quadro 2), designers, usuários de moda e empresas podem tomar melhores decisões sobre o uso de fibras com menores impactos ou com maior capacidade de circularidade (Quadro 3), uma vez que até 2030, caso nenhuma atitude seja tomada, os níveis de qualidade de vida começarão a diminuir.

Quadro 2: Impactos ambientais das fibras têxteis

Categoria	Definição	Impactos ambientais
Fibras Naturais	Extraídas de uma ampla variação de plantas e animais, tendo como principais: algodão, lã e seda (Salcedo, 2014, p. 58).	<p>O consumo de energia utilizado na produção dessas fibras é alto, requerido de secagem, utilização de água e perdas no processo de produção (Legnaioli, 2018).</p> <p>Uso intensivo de pesticidas e inseticidas para cultivar o algodão convencional, ocupando cerca de 25% de consumo global de inseticidas e 11% do consumo global como de pesticidas, gerando problemas como degradação do solo, contaminação da cadeia alimentar, de saúde humana, danos a biodiversidade, poluição do ar e água (Bem; Linke, 2023. p. 17; Salcedo, 2014, p. 59).</p>

Fibras Sintéticas	Obtidas através de diversos produtos derivados do petróleo, sendo totalmente químicas, desde a síntese da matéria-prima como a fabricação de seus fios são produtos de ação humana, tendo como principais: poliéster e <i>nylon</i> (Salcedo, 2014, p. 58).	O poliéster utiliza-se de recursos não renováveis e suas emissões no ar e na água se não tratadas podem causar danos médios a altos ao meio ambiente. Utiliza-se de alto consumo de energia, uma vez que os petroquímicos são os ingredientes principais no processo, não se restringindo apenas a matéria-prima, mas também como fonte do processo de conversão da fibra (Bem; Linke, 2023, p. 17).
Fibras Artificiais	Para a produção desse tipo de fibra utiliza-se matérias naturais, como a celulosa extraída de árvores, e passam por uma transformação química, tendo como principais: viscose e modal (Salcedo, 2014, p. 58).	A dependência da celulose em relação às árvores acarreta riscos de desmatamento, além de utilização de grandes quantidades e poluição de água. Sua fabricação implica o uso de variados produtos químicos e em nível mundial, um processo de uso intensivo de energia (Salcedo, 2014, p. 59).

Fonte: Adaptado de Bem e Linke (2023); Salcedo (2014); Legnaioli (2018)

Salcedo (2014) salienta que no setor de fibras têxteis há uma gama de opções para reduzir o impacto social e ambiental dos produtos comercializados, mas nenhuma das opções chega a ser absolutamente sustentável. Assim, a autora utiliza a expressão “fibras de menor impacto” para defini-las. (Quadro 3)

Quadro 3: Fibras têxteis de menor impacto

Fibras Naturais	Ecológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Algodão ecológico • Algodão BCI • Algodão “Made in Africa” • Algodão de comércio justo • Lã ecológica
	Recicladas	<ul style="list-style-type: none"> • Algodão reciclado • Lã reciclada
	Outras	<ul style="list-style-type: none"> • Linho • Cânhamo • Urtiga • Juta
Fibras Artificiais	<ul style="list-style-type: none"> • Lyocell • Modal 	

Fibras Sintéticas	Recicladas	<ul style="list-style-type: none"> • Poliéster reciclado • Nylon reciclado
	Biopolímeros ²	<ul style="list-style-type: none"> • Polylactic Acid (PLA), comercializado como Ingeo pela NatureWorks. • Polytrimethylene Terephthalate (PTT), comercializado como Sorona pela Dupont. • Polyamide 11 (PA11), comercializado como Rilsan pela Arkema.

Fonte: Adaptado de Salcedo (2014).

Dessa forma, é imperativo que a indústria da moda seja mais incisiva ao combater sua contribuição para a crise climática. Coletar e monitorar dados de forma precisa sobre as emissões de Gases de Efeito Estufa (GEE) é um passo essencial para que marcas e varejistas consigam reduzir suas emissões de forma efetiva e cumpram suas metas de descarbonização (Fashion Revolution, 2022).

Portanto, nota-se a importância da inserção de uma educação ambiental e inclusiva na formação profissional que exerce papel de criador dentro da moda, uma vez que o design é uma estratégia na construção de produtos e sua circularidade, seja para durabilidade ou reciclagem (Braungart; McDonough, 2013).

3.2. Moda Brasileira

Diferente de outros polos industriais espalhados pelo país, o Distrito Federal não é sinônimo de indústria do vestuário como os existentes em São Paulo, Goiás, Santa Catarina e outros estados que possuem uma cadeia têxtil de alta complexidade para atender as demandas regionais e nacionais. A indústria do vestuário brasileiro se caracteriza por empresas de pequeno a médio porte, e vem se organizando para atender à demanda local. Os materiais e beneficiamentos, como tecelagem, tinturaria e estamparia são terceirizados, contando regionalmente com a mão de obra de cortadores, modelistas e costureiras. A maioria das empresas desse segmento têm idade média de 11 anos e são originárias do próprio Distrito Federal, e apresentam fortes características familiares de gestão (Sousa, 2019).

² Os biopolímeros são materiais sintéticos criados total ou parcialmente a partir de matérias-primas renováveis, como o milho, cana-de-açúcar ou óleo de rícino no lugar do petróleo. (Salcedo, 2014. P. 61)

Comumente conhecido como polo da região, o Polo de Moda do Guará II, inaugurado em 2000, recebeu diversas confecções alavancadas por um programa do governo denominado Pró-DF, que tinha como objetivo o fomento da empregabilidade ao ceder descontos e doações de terreno para empresas. A área foi criada para atender especificamente à indústria de confecção, com a intenção de criar empregos e de regularizar e reunir as confecções em apenas um lugar, mas muitos de seus empreendimentos fugiram da destinação principal e atualmente há moradias no local, após um descaso e desatenção do Governo do Distrito Federal (Sousa, 2019).

O projeto de criação do polo não previa abertura e funcionamento de outros tipos de comércio que não fosse aquele voltado para a indústria da moda. A região, que deveria ser de destinação para um centro de desenvolvimento econômico, tornou-se uma área de especulação imobiliária. Assim, os empresários do polo demonstram insatisfação com a situação do espaço e cobram apoio do governo às micro e pequenas empresas, bem como qualificação de mão de obra, segurança e infraestrutura (Sousa, 2019).

Também com o intuito de fomentar a moda na capital do país, de 2005 a 2015 aconteceu o Capital Fashion Week, onde em 10 anos revelaram-se 50 novos estilistas, alavancando o surgimento de agências de modelos, estimulando a criação de cursos ligados à área e gerando mais empregos para o setor. Além disso, o evento foi um instrumento de apoio a programas relacionados à sustentabilidade, preservação do meio ambiente, inclusão e responsabilidade social, onde incentivou a produção de moda sustentável e igualitária (Sindiveste, 2021).

O evento vem como uma nova fase para o que se conhecia de moda, tendências e vestuário na região. Apresentava-se nesse momento uma moda que se aproveitava de toda inspiração que a cidade propiciava para criar peças que retratavam sua originalidade. Era uma moda com personalidade e assinatura exclusiva, dando voz as marcas regionais. Ali nasceu uma série de outros eventos e iniciativas que visam valorizar o criador local, uma vez que o mercado local estava em expansão com elevado potencial de consumo.

Tendo em vista que o Distrito Federal ocupa a terceira posição entre as maiores economias municipais do país, e apresenta a maior renda per capita, isso se reflete diretamente no consumo aliado a distância dos grandes produtores industriais, gerando

impulso às indústrias de confecções da região, que abrange a capital federal e suas cidades do entorno (Codeplan, 2020; Sousa, 2019).

Portanto, existe um mercado de moda a ser trabalhado e desenvolvido, com capacidade de pagamento, potencial de compra, clientes definidos e solidamente estabelecido. Porém, os dados relacionados aos atuantes do setor do vestuário são imprecisos. Segundo Sousa (2019) ao analisar dados fornecidos pelo Sindicato do Vestuário do Distrito Federal (Sindiveste – DF), apesar de apontar aproximadamente 3.328 mil confecções de indústria do vestuário locais, sua grande maioria são micro e pequenas empresas que atuam informalmente, tornando-se uma estimativa aproximada fornecida pelo sindicato.

Ressalta-se que as micro e pequenas empresas (MPEs) afetam de forma significativa a sociedade como um todo, uma vez que empregam muitas pessoas e são responsáveis por uma parcela significativa do produto interno bruto na maioria dos países. É fundamental que as MPEs se adaptem e tornem-se cada vez mais sustentáveis, somente assim será possível modificar a trajetória rumo a uma gestão para sustentabilidade. Segundo o Sebrae (2022), os pequenos negócios foram responsáveis por 70% das novas vagas de trabalho e por 30% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro no ano de 2021, mostrando a importância social e econômica dessas empresas para o desenvolvimento do país.

O Sindiveste-DF (2014) informa que, apesar de o tempo das confecções do DF já estarem estabelecidos em um mercado promissor e atraente, pela sua alta renda per capita e elevado potencial de consumo, a cadeia produtiva é frágil, e o índice de mortalidade das suas empresas é alto. O sindicato acredita que os problemas residem na falta investimento no setor e de desenvolvimento de estratégias comerciais para conquistar uma fatia do mercado no Distrito Federal, além da necessidade de conquistar mais competitividade.

Já os lojistas querem da indústria, produtos de qualidade, preço justo e entrega no prazo determinado, com design inovador, sendo esse um grande desafio para as indústrias de confecção, pois é necessária uma apresentação diferenciada para o mercado local, além de investir e implantar estratégias de mercado, com o intuito de valorizar e melhorar a indústria local (Sousa, 2019).

Ao considerarmos a formação em design de moda na região, hoje o Distrito Federal conta com duas Instituições de Ensino Superior - IES vigentes que ofertam a formação, a

Faculdade IESB e o Instituto Federal de Brasília, sendo uma de caráter privado e outra federal. E a menos de dois anos, havia a Universidade Paulista, que operacionalizou duas turmas e encerrou suas atividades em 2022. Mas a história com a oferta de cursos na área iniciou-se nos anos 2000, com a chegada a Faculdade de Tecnologia AD1 com oferta de cursos de graduação e pós-graduação em moda, e posteriormente a Unieuro iniciou a oferta do curso superior em Design de Moda, tendo as duas chegado ao fim da oferta em apenas uma década, sem confirmação do ano exato.

Brasília conta com um cenário bastante promissor, devido a sua juventude, o mercado é apto para receber a mão de obra que forma em suas instituições. A capital abriga dezenas de laboratórios e incubadoras de startups ativos com o objetivo de desenvolver a economia criativa nas áreas de design, moda, artesanato e grafite (Sebrae, 2023). Considerada a Cidade Criativa do Design pela Unesco em 2017, o solo da capital é fértil para novos criadores na área e mostra-se capaz de absorver toda a formação que está por vir.

Muitas vezes, pequenas medidas podem colaborar com uma sociedade mais sustentável. Podemos citar alguns exemplos, como o compromisso com a redução e reaproveitamento de resíduos, o uso eficiente de energia ou energia renovável, como placas fotovoltaicas para energia solar, ou campanhas e ações sociais para os funcionários e a comunidade em seu entorno (Sebrae, 2022).

Diante do exposto, será abordado nesta pesquisa um estudo de uma análise de práticas sustentáveis na formação do designer de moda brasileiro e como sua formação pode atender essa demanda socioambiental, analisando o percurso educacional e tem por finalidade contribuir com a ciência para o mapeamento de estratégias para a inserção das premissas de sustentabilidade na formação do aluno, este que virá a contribuir para o aumento de estratégias de solução dos problemas, técnica e economicamente praticáveis da parte dos usuários através do seu papel de projetista (Manzini, Vezzoli, 2016, p. 71).

4. ENSINO SUPERIOR E DESIGN DE MODA

Este capítulo traz uma abordagem de como o ensino da moda chegou ao Brasil e o que hoje é aplicado nas Instituições de Ensino Superior do Distrito Federal através dos Projetos Pedagógicos de Curso para a formação do designer de moda.

4.1. Cursos de Design de moda do Brasil

No Brasil, até meados da década de 80, antes da instituição dos cursos superiores de design de moda, o brasileiro que desejasse aprender sobre o assunto, ou o autodidata que desejasse aperfeiçoamento, eram obrigados a viajar para o outro hemisfério, de onde não apenas vieram os primeiros artesãos trazidos pelos jesuítas em 1559, mas de onde continuaram a proceder os materiais, os métodos, a técnica e a tecnologia, e de quem nos habituamos e aprendemos a depender (Pires, 2002).

Foi no início de 1980, com a necessidade de um profissional com repertório, capaz de reger o complexo mecanismo da moda, as grandes capitais da época, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, com a iniciativa do próprio setor e o apoio de algumas instituições de ensino, inauguraram os primeiros cursos profissionalizantes para o ensino da criação de moda no Brasil. A imprensa dirigida de moda via com bons olhos a iniciativa e sempre valorizava essa atitude educacional, pois havia necessidade de um maior conhecimento e compreensão da área de moda. O surgimento de tais cursos esteve atrelado ao aquecimento da economia daquele período, à instalação de novas indústrias de fiação, de têxteis e de confecção de vestuário, da posterior política de abertura de mercado e do surgimento de muitos cursos de design de moda, sobretudo nos países do hemisfério norte (FAAP, 2012; Pires, 2002).

Depois, em 1988, na cidade de São Paulo, surgiu o primeiro curso superior em design de moda do Brasil, na Faculdade Santa Marcelina. A ideia era formar um profissional bem-informado e de sólida formação, pronto a qualificar a produção brasileira de moda e abrir espaço para novas ideias (Pires, 2002). Como pioneira, formou grandes nomes da moda brasileira, muitos atuantes no mercado até hoje.

Segundo Pires (2002, p. 2) um exemplo de impacto de crescimento na área é do estado de Minas Gerais:

[...] em 1976, contava com apenas 200 confecções. Uma década mais tarde, este número havia crescido para quatro mil, o que fez o segmento se organizar e criar o Grupo Mineiro da Moda e o curso de extensão de Estilismo & Modelagem do Vestuário na Universidade Federal de Minas Gerais, intensificando o design dos produtos, e tornando-se na época um dos mais importantes centros de criação, produção e difusão de roupas de moda no país.

O país passaria, a partir desse período, a sofrer grande modificação no que se diz a moda. A formação desses grupos citados por Pires (2002) foi um grande incentivador à criação dos cursos de moda nas Instituições de Ensino Superior.

A década de 1980 foi marcada por distintas propostas dos criadores e designers entre aqueles que surgiram nas décadas anteriores. A indústria da moda já se mostrava em um momento delicado, passando por uma época de necessidade de investimentos em maquinário e em formação de mão de obra, e pela urgência da desburocratização a fim de facilitar a exportação aos estilistas nacionais (FAAP, 2012).

E apesar de conturbado os anos no país, nota-se em paralelo ao crescimento da indústria a expansão do ensino de moda, inicialmente mais tímido, mas na década seguinte sendo ampliado para regiões que seriam contempladas com faculdades de moda, sendo adaptada as necessidades locais (Lima Jr; Navalon, 2018).

Ainda que não houvesse o modelo que definisse a habilitação do curso superior, que veio a ocorrer com o tempo e sendo denominado Bacharelado em Design com Habilitação em Moda, mostrou-se que as Instituições de Ensino Superior são organismos de grande importância no desenvolvimento da sociedade, como um dos principais agentes transformadores de profissionais que ditarão os rumos do mercado e da sociedade. Elas têm o papel de qualificar e conscientizar os cidadãos que serão os futuros formadores de opinião (Tauchen; Brandli, 2006).

Anterior ao cenário de cursos superiores direcionados a moda e com o impulso tardio da industrialização no Brasil, entre as duas grandes guerras mundiais, é factível que o primeiro curso de Desenho Industrial também tenha surgido tarde, em dezembro de 1962. Assim, o primeiro curso da América Latina foi criado com o nome de Esdi – Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, o qual contou com o criador de moda francês Pierre Cardin, como professor convidado. Alguns dos alunos tiveram a oportunidade de desenvolver projetos acadêmicos envolvendo a área do vestuário e do têxtil; no entanto, desde a sua criação, até o ano de 1988, não foi criado nenhum curso que graduasse o profissional para desenvolver os produtos da confecção nacional de roupas (Pires, 2002).

Christo e Sabrá (2016) comentam que o curso em questão não tinha, como ainda não tem, a correlação com Design de Moda. Apesar de parecer uma relação antiga entre moda e design, até pouco tempo a formação em design incluía em seu currículo apenas conteúdos voltados para design de produto e design gráfico. Aqueles alunos que tivessem interesse em

fazer trabalhos ou pesquisas com a configuração de objetos de moda tinham dificuldades em conseguir espaço para isso dentro das disciplinas propostas.

Desta forma, é necessário salientar que os conceitos de moda e design carecem de contextualização, uma vez que essas palavras podem ser empregadas com sentidos diferentes quando aplicadas a um entendimento mercadológico. Além disso, ainda prolifera uma polêmica entre as pessoas que consideram imprescindível a existência de cursos superiores de moda e aqueles que apenas questionam a qualidade e a necessidade. A discussão gira entre a prática e a teoria e entre o conhecimento e o talento. No Brasil, o preconceito pela falta de informação impede que os educadores e coordenadores dos cursos de design reconheçam a grande importância do setor (Pires, 2002).

Ressalta-se a formação profissional no campo da educação de moda e do design, um modelo capaz de promover mudanças de desenvolvimento que vai além da cadeia têxtil, agregando impulso ao processo criativo de produtos confeccionados (Mendes org. 2017). Berlim (2020) retrata que a moda é um conceito multifacetado e multidisciplinar, multifacetado por ser um fenômeno constituído de várias possibilidades de estudos, todas interligadas e quase sempre independentes, como por exemplo sociologia, antropologia e economia. Já sua multidisciplinaridade é decorrente de um complexo campo de estudo, formado por disciplinas que fundamentam o produto, como agricultura, engenharia, química, design, os seus processos produtivos, como tecnologia têxtil e geral, modelagem, costura, desenho, tecelagem, tingimento, gestão e logística, e disciplinas que fundamentam o desejo, consumo e tendências, como história, psicologia, semiótica, artes e sobretudo, comunicação.

Nessa perspectiva, o professor da Educação Superior constitui-se por determinados elementos pessoais e profissionais necessários ao trabalho docente, tornando-se evidente a formação inicial e continuada para a construção dos saberes, sem considerar o papel do estudante como sujeito ativo nesse processo (Dantas org. 2022). García (1999) entende que a formação é um processo no qual os professores em formação ou em exercício, seja de maneira individual ou coletiva, adquirem ou melhoram os seus conhecimentos, competências e disposições. Isso se dá através da troca de experiências de aprendizagem, o que “lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem”. A formação de

professores e o desenvolvimento curricular precisam estar relacionados entre si, como forma estratégica para a efetiva mudança no ensino (García, 1999, p.25 e 26).

Pires (2002) defende que os anos 80 trataram a moda como importante área de negócio que abrange generosa fatia do mercado de produtos industrializados. Hoje, a moda não é mais vista apenas como o caráter efêmero das sociedades ocidentais. Formou-se uma nova visão empresarial numa área antes considerada menor. Um valor assegurado no mercado veio conferir à moda, como produto, um amplo campo de trabalho, exigindo produção de qualidade, somente obtida com o ensino ofertado pelas Instituições de Ensino Superior.

Lima Jr e Navalon (2018) afirmam que se acredita que as criações dos cursos superiores de moda no Brasil contemplaram, a seu modo e circunstância, habilidades e competências necessárias para a realização de um projeto, sendo necessário a reflexão do processo como dado fundamental em um projeto de design, assim como também observar o contexto social, econômico e político no qual ele era inserido. Porém dada a quantidade de bacharelados e tecnólogos em Design de Moda, Negócios da Moda, Moda (e todas as demais nomenclaturas adotadas) no Brasil, o que se propõe é um compartilhamento da história, objetivando uma compreensão do presente, para que seja possível construir um futuro quando o ensino de moda (bem como a área no país) possa ser fortalecido e reconhecido em esfera federal.

Face as questões apresentadas, confirma-se que o designer de moda, com seu papel projetista, atua diretamente na concepção de novos produtos e serviços, e compreende seu ciclo de vida do produto e impacto ambiental, social e cultural. Assim, entende-se que o profissional precisa de subsídios, em sua formação, que sustentem sua trajetória profissional pautada na prática da educação ambiental, assim como da sustentabilidade, para que possa apoiar e viabilizar o desenvolvimento de produtos sustentáveis.

E os documentos legislativos oficiais responsáveis pelo meio ambiente, ressaltam que as instituições de ensino superior devem se preocupar com aspectos ambientais, ao pensarem seus projetos pedagógicos (Calvi; Furlan; Linke, 2019).

No cenário atual, há uma similaridade entre o que se deseja como perfil de egresso de um aluno formado em design de moda, uma vez construídos a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Design. O ensino superior em design

concentra-se, atualmente, na prática em design dentro da e para a economia de mercado, de maneira que a natureza do design, sua presença no mundo e suas consequências futuras não são adequadamente contempladas. E observa que o paradigma educacional do ensino em design de moda orienta-se substancialmente ao mercado e às necessidades de consumidores em condições privilegiadas, tornando-se orientação da maioria das escolas de design atualmente, priorizando sobretudo uma consciência da cultura do consumo ao invés do domínio de problemas locais e globais (Lima, 2018).

Diante disso, sugere-se uma transformação do ensino em design por meio de uma reavaliação radical de prioridades e necessidades, advogando por um modelo que cumpra com a função de oferecer respaldo para que o aluno contextualize devidamente sua prática (Whiteley, 1998 *apud*. Lima, 2018).

Desta forma, serão analisados a seguir os projetos pedagógicos dos cursos superiores de design de moda do Distrito Federal a fim de compreender se seus currículos proporcionam espaços para que os alunos sejam capazes de compreender e transformar conhecimentos para integração da moda com a inovação e tecnologia para a sustentabilidade, além de construir relações interdisciplinares e transdisciplinares a partir de sua relação com outras ciências e com outros campos de conhecimento (Mendes org. 2017).

4.2. Projeto Pedagógico de Curso do Design

O Projeto Pedagógico de Curso (PPC) é um instrumento balizador para o fazer acadêmico e, por consequência, expressa a prática pedagógica das instituições, o que propicia um direcionamento da gestão acadêmica e administrativa, de acordo com o estabelecido no Projeto de Desenvolvimento Institucional (PDI), este que identifica a Instituições de Ensino Superior (IES) no que diz respeito à sua filosofia de trabalho, à missão a que se propõe, às diretrizes pedagógicas que orientam suas ações, à sua estrutura organizacional e às atividades acadêmicas que desenvolve e/ou que pretende desenvolver (Sant'ana *et al.* 2017).

É um documento que visa orientar e organizar as práticas educativas em um curso, fornece diretrizes e fundamentos para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão. Ele é uma ferramenta essencial para a gestão e a qualidade do ensino superior, promovendo a coerência entre os objetivos propostos e as práticas realizadas.

Libâneo (1994) destaca a importância do planejamento educacional como um instrumento fundamental para a organização e a eficácia do processo pedagógico. Nesse contexto, o PPC se configura como um instrumento que estabelece as bases para o desenvolvimento de um curso, delineando objetivos, conteúdos, metodologias e avaliações.

Severino (2007) ressalta a necessidade de um projeto pedagógico bem estruturado para garantir a articulação entre teoria e prática, promovendo uma formação integral dos estudantes. O PPC, portanto, é concebido como um documento que possibilita essa integração, estabelecendo uma relação significativa entre os conteúdos curriculares e as demandas do mercado de trabalho.

Conforme a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996, o PPC deve contemplar as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais, Resolução CNE/CES no 5, de 8 de março de 2004, tendo como Art. 3º O curso de graduação em Design deve ensinar, como perfil desejado do formando, capacitação para a apropriação do pensamento reflexivo e da sensibilidade artística, para que o designer esteja apto a produzir projetos que envolvam sistemas de informações visuais, artísticas, estéticas culturais e tecnológicas, observados o ajustamento histórico, os traços culturais e de desenvolvimento das comunidades bem como as características dos usuários e de seu contexto socioeconômico e cultural (Brasil, 2002).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) são documentos desenvolvidos pelo Ministério da Educação (MEC) que definem como orientações para a organização e desenvolvimento dos cursos de graduação no Brasil. Eles costumam abordar questões como carga horária mínima, perfil do egresso, competências a serem desenvolvidas, estrutura curricular e estágios, entre outros aspectos.

Atualmente o curso de design de moda encontra-se no Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia, e deverá obedecer às Diretrizes Curriculares Nacionais utilizadas nos cursos de graduação em Design, aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (Brasil, 2001). E a LDBEN declara que:

O curso de graduação em Design deverá contemplar em seus projetos pedagógicos e em sua organização curricular, conteúdos que atendam aos seguintes eixos interligados de formação:

I – Conteúdos Básicos: estudo da História e das Teorias do Design em seus contextos Sociológicos, Antropológicos, Psicológicos e Artísticos, abrangendo

Métodos e Técnicas de Projetos, Meios de Representação, Comunicação e Informação, Estudos das Relações Usuário/Objeto/Meio Ambiente, Estudo de Materiais, Processos, Gestão e outras relações com a produção e o mercado;

II – Conteúdos Específicos: estudos que envolvam Produções Artísticas, Produção Industrial, Comunicação Visual, Interface, Modas, Vestuários, Interiores, Paisagismos, Design e outras produções artísticas que revelem adequada utilização de espaços e correspondam a níveis de satisfação pessoal;

III – Conteúdos Teórico-Práticos: domínios que integram a abordagem teórica e a prática profissional, além de peculiares desempenhos no Estágio Curricular Supervisionado, inclusive com e a execução de atividades complementares específicas, compatíveis com o perfil desejado do formando (BRASIL, 2002).

Portanto, o PPC tem como finalidade definir as linhas gerais de atuação política e pedagógica do referido curso. Cumpre este projeto duas importantes tarefas: a primeira refere-se à filosofia e suas finalidades políticas, materializadas em seus objetivos educativos e a segunda visa apresentar uma proposta curricular que contenha as possibilidades de concretização dessas finalidades.

As diretrizes buscam refletir sobre as demandas do mercado de trabalho, as transformações sociais, culturais e tecnológicas, bem como as características específicas da área. Elas também podem abordar questões éticas e sustentáveis relacionadas ao exercício profissional no campo do design.

Ressalta-se que é pertinente tratar as áreas de moda e de design como campos autônomos, mas também integrados, inter-relacionados, complementares. A partir da modernidade, tanto a moda quanto o design são áreas de produção de produtos, que interagem e estimulam o sistema capitalista (Moura; Mattos, 2015).

Desde meados de 2000, por recomendação do Ministério da Educação, os cursos superiores na área da moda são autorizados e reconhecidos considerando-se as diretrizes curriculares nacionais para o ensino de graduação em design, assim como adotando a nomenclatura design no nome do curso (Pires, 2002). Portanto, ambas as formações se utilizam das Diretrizes Nacionais Curriculares do Design, todavia, já estão sendo realizados estudos para criar diretrizes para o campo da moda.

Considerando, no âmbito da moda, o protagonismo do design no que diz respeito ao alcance de uma disseminação de conteúdos que propaguem a sustentabilidade, serão considerados, deste ponto em diante, os cursos superiores tecnológicos em Design de Moda

do Distrito Federal e supõe-se que esses, encontram-se alinhados as Diretrizes Curriculares Nacionais do Cursos de Graduação em Design.

Em 2022, o Distrito Federal conta com três Instituições de Ensino Superior que ofertam o curso em design de moda, sendo duas privadas e uma pública:

- Instituto Federal de Brasília
- Centro Universitário IESB
- Centro Universitário UNIP

Os cursos das instituições acima se caracterizam como tecnológicos, graduação que abrangem métodos e teorias orientadas a investigações, avaliações e aperfeiçoamentos tecnológicos com foco nas aplicações dos conhecimentos e processos, produtos e serviços.

Os Cursos Superiores de Tecnologia (CSTs) têm por finalidade o desenvolvimento de competências profissionais que permitam tanto a correta utilização e aplicação da tecnologia e o desenvolvimento de novas aplicações ou adaptação em novas situações profissionais quanto o entendimento das implicações daí decorrentes e de suas relações com o processo produtivo, a pessoa humana e a sociedade (Brasil, 2002)

É uma formação de grande relevância para a promoção da democratização do acesso ao ensino superior, visto que proporciona uma alternativa de formação para aqueles que buscam uma entrada mais rápida no mercado de trabalho.

A nova LDBEN, a Lei 9394/96, atenta a estas questões, trata de maneira adequada e inovadora, a questão da educação profissional. Tais cursos de nível superior, correspondentes à educação profissional de nível tecnológico, deverão ser estruturados para atender aos diversos setores da economia, abrangendo áreas especializadas e conferirão diploma de Tecnólogo, conforme o Decreto 2208/97 (Brasil, 2001).

Libâneo (2012) defende que, ao discutir as diferentes modalidades de ensino superior e sua relação com as demandas do mercado. Nesse contexto, os CSTs são vistos como uma resposta às necessidades de profissionais com formação técnica específica, contribuindo para a dinamização e modernização do setor produtivo.

Logo, foram analisados os PPCs, com foco na organização curricular das três instituições, observando criteriosamente a aplicação da educação para sustentabilidade ao futuro profissional da moda e entrevistados coordenações e discentes analisando além do que está previsto na organização curricular, verificando se as práticas sustentáveis são trabalhadas dentro da instituição de maneira informal, ou que não está presente no PPC.

5. MÉTODOS E MATERIAIS

Com base no objetivo de analisar a estrutura da organização curricular dos projetos pedagógicos de curso das três instituições elencadas e a compreensão de como o ensino superior em design de moda do Distrito Federal aborda as prática sustentável no ensino-aprendizagem, esta pesquisa se caracteriza em exploratória-descritiva e de abordagem qualitativa, utilizando de pesquisa bibliográfica e documental, e análise dos dados levantados através de questionários e entrevistas por meio da metodologia de Duarte e Barros (2005).

A pesquisa iniciou-se com a revisão bibliográfica e análise documental, debruçando sobre a contextualização correlacionados ao Desenvolvimento Sustentável, Sustentabilidade, Indústria da Moda, Ensino da Moda e os documentos norteadores como os Projetos Pedagógico de Curso, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Diretrizes Curriculares Nacionais, Políticas dos Resíduos Sólidos e relatórios nacionais que identificassem o cenário da indústria do moda no antropoceno, como o Fios da Moda e o Fashion Revolution.

O enfoque do contexto é necessário para a pesquisa, considerando a amplitude e complexidade de investigação e seu caráter transversal. E por ser tratar de uma pesquisa qualitativa, o referencial teórico existente não cumpre necessariamente com o objetivo de formular hipóteses, mas de contextualizar e compreender o problema em questão.

Ao delimitarmos as IES que teriam seus Projetos Pedagógicos de Curso estudados, definiu-se e delimitou-se público a ser analisado, partindo para contatação dos coordenadores dos cursos das três instituições elencadas e definindo os períodos que teriam os alunos convidados, tendo sido escolhidos os primeiros e últimos semestres, que seriam convidados a participação voluntária, e assim observaríamos a compreensão da moda no início e fim da graduação.

Em paralelo iniciou-se a análise dos PPC do curso superior em design de moda, contextualizando a história e criação do curso naquela determinada instituição e esmiuçando suas ementas em busca de disciplinas que ofertam disciplinas sobre sustentabilidade ou temáticas relacionadas as práticas sustentáveis. Para isso, foi usada a técnica de análise documental do PPC. Nesta etapa, os dados coletados foram analisados e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, em que se realizou uma análise com base no referencial teórico.

Os coordenadores foram acionados a participar da pesquisa via contato informal, por meios telefônicos, que logo retornaram e se prontificaram a participar da pesquisa. Suas identificações foram mantidas em sigilo e correlacionaremos por meio de suas funções nas Instituições.

Utilizou-se a entrevista semiaberta, com roteiro construído buscando compreender através dos depoimentos das entrevistas os conhecimentos, desafios e necessidades que eles encontram na constituição do curso. A lista de perguntas possuía origem no problema de pesquisa e buscou-se tratar da amplitude do tema, apresentando cada pergunta de forma mais aberta possível (Duarte; Barros, 2005, p. 63). No início das entrevistas, era explicado os procedimentos e eles verbalizavam o aceite do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

As entrevistas foram realizadas em local de trabalho e via chamada de vídeo, conforme suas disponibilidades. Os encontros duraram aproximadamente 50 minutos cada e eram gravados mediante autorização, e ocorreram sem desconforto ou constrangimento de ambas as partes.

Posteriormente os discentes foram abordados, inicialmente mandando o relatório de forma eletrônica, todavia a adesão foi insuficiente. Como forma de aproximá-los da pesquisa e contextualizá-los, fez-se necessário uma abordagem *in loco*.

Em turno de aula de cada Instituição, apresentou-se a temática e de forma manual, os questionários foram entregues aos alunos e respondidos voluntariamente. Assim como nas entrevistas, no questionário era explicado os procedimentos e eles assinavam confirmando o aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Suas identificações foram mantidas em sigilo e correlacionaremos por meio de seu semestre e instituição.

Em seguida da etapa de coleta de dados, passou-se para os tratamentos dos achados para posteriormente fazer a análise. Para as entrevistas, todas foram transcritas de forma cuidadosa, acompanhando detalhes e comentários dos coordenadores. Segundo Minayo (2012, p.26) o tratamento dos dados nos conduz à teorização dele, produzindo confronto entre a abordagem teórica anterior e o que a investigação de campo aporta de singular como contribuição.

Para os questionários, unificou-se em forma de tabela, a qual a leitura para realização da interpretação tornou-se mais compreensível, uma vez que as questões davam abertura para respostas de afirmação e negação, de forma que o questionário foi estruturado com perguntas abertas e linguagem adaptada ao vocabulário dos sujeitos (Duarte e Barros, 2005, p. 173).

Todo o processo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília, obtendo o parecer de aprovação em abril de 2023.

Logo, quando o objetivo é compreender determinado contexto ou ambiente que os participantes abordam um problema ou questão, conduz-se uma pesquisa qualitativa, utilizando-se a investigação (Creswell, 2014 *apud*. Lima, 2018).

Considerando então, que a presente investigação são resultantes direta, ou indiretamente, de determinados contextos históricos, estes precisam ser apreendidos pela pesquisa. E ainda, ao contribuir para uma formação crítica e ativa, no contexto do ensino superior em design de moda em relação as práticas sustentáveis, a presente pesquisa é propositiva, pretendendo não descrever apenas uma realidade, mas analisá-la com intuito de lhe propor reflexões e transformações, mesmo que futuramente.

Para facilitar a análise dos dados e a discussão dos resultados, separou-se as perguntas e respostas em coordenadores e discentes, já correlacionando autores para a discussão do conteúdo e dando aporte necessário para a construção deste trabalho.

Esta pesquisa de análise de conteúdo, focado no ensino de práticas sustentáveis nos cursos de design de moda do Distrito federal, não tem como objetivo apenas explicar e interpretar os relatos das entrevistas com base dos dados coletados, mas também contribui

para a busca da compreensão e interpretação que aliados a teoria contribuem de forma singular e contextualizada.

6. ESTUDO DE CASO: ANÁLISE DO ENSINO LIGADO A SUSTENTABILIDADE.

A pesquisa de campo realizada dedicou-se à compreensão, a partir da realidade cotidiana, do objeto de investigação. É válido ressaltar que esta pesquisa não se constitui apenas de uma pesquisa histórica, mas de maneira que, considerado o enfoque metodológico, a adoção da perspectiva histórica em determinados momentos, análises e interpretações dos dados decorre da necessidade de contextualização e compreensão.

Com base no levantamento realizado acerca dos cursos de graduação em design de moda do Distrito Federal, foi realizada a análise de três projetos pedagógicos de curso das Instituições de Ensino Superior (IES) que ofertam o curso superior tecnológico. Foi analisada a existência de disciplinas que abordam a sustentabilidade em seu caráter ambiental, social, econômico e cultural, e suas respectivas ementas.

Os cursos foram selecionados por serem os únicos da capital do país a ofertarem a graduação, e levou-se em consideração inicialmente se fazem jus ou não a aderência da temática da sustentabilidade apenas na análise do PPC. É importante pontuar que a seleção de ensino distintas não se fez com intensão de comparação ou merecimento dos cursos entre si, no sentido de fazer qualquer juízo de valor de um em relação ao outro, mas de traçar um panorama abrangendo a relevância do ensino-aprendizagem na formação do designer, com enfoque na sua atuação no mercado de trabalho, considerando o objeto de pesquisa.

Portanto, a investigação foi conduzida em três esferas complementares: institucional, docente e discente. A seguir, segue breve contextualização histórica e discussão em relação às matrizes curriculares e as disciplinas de cada IES.

6.1. IESB

Fundado em 1998, o Instituto de Educação Superior de Brasília - IESB, conta com três unidades educacionais localizadas estrategicamente: a Unidade Giovanina Rímoli, na Asa Norte, a Unidade Edson Machado, na Asa Sul e a Unidade Liliane Barbosa, em Ceilândia, destinados a atender, prioritariamente, às demandas sociais e mercadológicas da região (IESB, 2022).

O referido curso analisado teve sua implementação no ano de 2007, no campus Asa Sul, e ao longo da sua trajetória recebeu palestrantes que são referências nacionais na área como: Jum Nakao (2007), Mário Queiroz (2008) e Alexandre Herchcovitch (2009), João Pimenta (2015) e Lorenzo Merlino (2015), além de estilistas que trazem soluções sustentáveis e o uso de matérias primas orgânicas, como a jornalista Elis Janoville que usa algodão orgânico procedente do nordeste, e outros estilistas locais (IESB, 2022).

A matriz curricular do CST em Design de Moda está disposta em ciclos e módulos que permitem a interdisciplinaridade e o desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos. Não há pré-requisitos entre módulos, somente entre ciclos. A matriz de 2 anos é disposta em 2 ciclos. Cada ciclo é composto por 2 módulos, e o curso totaliza 1.740 horas.

Sobre os eixos temáticos verticais, no ciclo 1 compreende a base de expressão, fundamentos e criatividade. No ciclo 2 compreende conhecimento técnico e projetos sustentáveis.

Historicamente, a matriz curricular sofreu alterações desde sua implantação, totalizando quatro currículos, onde nomenclatura e carga horária foram modificadas a fim de contemplar a complexidade e refletir relevância dos componentes curriculares. A matriz curricular em análise foi implantada em 2020 e está em vigência atualmente e conta com as disciplinas apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1: Matriz curricular 2020 – IESB

Série: 1 - Módulo - 1A		CH
Análise da linguagem visual		60
Desenho e representação gráfica		60
História da arte e da indumentária		60
Metodologia de criação		60
Modelagem tridimensional		60
Projeto Integrador - Criatividade e processo criativo		60
Tendências e tecnologias		60
	Total	420
Série: 2 - Módulo - 1B		CH
Cultura, consumo e sociedade		30
Desenho técnico		30
Expressão gráfica		60
Ilustração de moda		60
Laboratório da forma		60

Modelagem plana feminina	60
Projeto Integrador - Design centrado no usuário	60
Técnicas de montagem	60
Total	420
Série: 3 - Módulo -2A	CH
Ergodesign	30
Materiais e processos têxteis	30
Moda contemporânea e brasilidade	60
Moda e sustentabilidade	30
Modelagem plana masculina	60
Produção de moda	60
Projeto Integrador - Estratégias sustentáveis	60
Tecnologia da confecção	60
Total	390
Série: 4 - Módulo -2B	CH
Fashion business	60
Laboratório de prototipagem	60
Modelagem digital	60
Modelagem tridimensional avançada	60
Programação Visual	60
Projeto Integrador - Moda: Construção de marca	90
Visual Merchandising	60
Total	450
Atividades complementares	80
Carga horária total do curso	1760

Fonte: IESB (2022, p. 87,88)

Logo, nota-se que no Módulo 2A, o aluno possui seu primeiro contato com a temática sustentabilidade nas disciplinas Materiais e Processos Têxteis, Moda e Sustentabilidade e Projeto integrador - Estratégias Sustentáveis, com cargas horárias de 30, 30 e 60 horas respectivamente, com a seguintes ementas:

Materiais e Processos Têxteis: Conceituação. Cadeia produtiva e sustentabilidade na Indústria Têxtil. Fibras têxteis naturais, artificiais e químicas: características, propriedades e aplicações. Fios: classificação, titulação e aplicações. Processos de fição. Tecido plano: classificação, características e aplicações. Malharia: classificação, características e aplicações. Acabamento: classificação, processos e aplicações. Novos desenvolvimentos tecnológicos, da matéria prima aos processos de acabamento. Noções em técnicas de estamparia. (IESB, 2022, p. 102).

Moda e sustentabilidade: Conceitos e dimensões da sustentabilidade. O sistema de moda no contexto da sustentabilidade. Ciclo de vida do produto de moda. Materiais, distribuição e descarte nos processos produtivos. Slow fashion, moda ética e responsabilidade socioambiental. Materiais orgânicos, reutilizados e reciclados. Logística reversa. Desenvolvimento de soluções com viabilidade comercial e produtiva (IESB, 2022, p. 104).

Projeto integrador - Estratégias sustentáveis: Pensamento circular como contribuição na organização do projeto de design. Métodos e técnicas de pesquisa aplicados ao desenvolvimento de projetos práticos com aderência aos princípios de economia criativa, circular e ao mercado de moda contemporâneo. Planejamento e Desenvolvimento integrados de um conjunto de produtos diante de demandas

mercadoológicas e fatores produtivos; Integração entre conhecimentos de modelagem, Técnicas de montagem, Ergodesign, Materiais Têxteis e Tecnologia da Confecção (IESB, 2022, p.107).

Portanto, sob a ótica do PPC, a instituição se posiciona na implementação da educação ambiental para formação profissional e incorpora novas práticas de produção, visando o uso eficiente de recursos, a redução de perdas e desperdícios e o ciclo de vida do produto, assegurando o comprometimento com o meio ambiente e a sociedade, uma vez que é preciso que esse futuro profissional assimile que os recursos são finitos (CNI, 2017).

Em relação sobre diversidade, relações étnico-raciais e afrodescendência, conforme prevê a Lei no 11.645 de 10/03/2008, aborda-se de maneira ampla na Série 2, Módulo 1B, através da disciplina Cultura, Consumo e Sociedade com carga horária de 30 horas e a seguinte ementa:

Cultura, consumo e sociedade: As diversas percepções e a descrição da realidade social; os desdobramentos étnico-raciais, estéticos e comportamentais e suas relações com a moda. Problemas de fronteira entre a cultura brasileira e as culturas formadoras: ameríndia, africana e portuguesa. As potencialidades da abordagem da moda como norteadora da sociedade brasileira. Ciências humanas sociais e o estudo da moda. Estilo de vida e comportamento na sociedade de consumo.

Valida-se, portanto, que há abordagem da temática sustentabilidade desde seu aspecto do desenvolvimento sustentável até a introdução de uma contextualização histórica e cultural, estes documentados em Projetos Pedagógico para orientar o docente responsável pela disciplina a guiar o aluno para uma formação com devidas habilidades e conhecimentos.

6.2. Instituto Federal de Brasília

Criado em 2008, pela Lei nº11.892, mediante transformação da Escola Técnica Federal de Brasília, o Instituto Federal de Brasília foi inicialmente formado por cinco campi: Taguatinga, Planaltina, Samambaia, Brasília e Gama (IFB, 2017).

O referido curso teve sua implantação no ano de 2015, no campus Taguatinga, e possui como objetivo formar profissionais que possam atuar nas múltiplas áreas carentes da moda no Distrito Federal (IFB, 2017).

A matriz curricular está dividida em seis períodos letivos com a premissa de incentivar possibilidades diversas que culminam em projetos que envolvam os componentes curriculares agrupados como um todo, sem que as ementas deixem de ser cumpridas.

O currículo permanece o mesmo desde a implantação do curso, e há pré-requisitos entre módulos pontualmente entre disciplinas. A matriz de 3 anos é disposta em 3 ciclos. Cada ciclo é composto por 2 módulos, e o curso totaliza 1.944 horas e possui estágio supervisionado obrigatório de 100 horas, conforme a Tabela 2.

Tabela 2: Matriz Curricular 2017 – IFB

Período Letivo I: Conhecimentos fundamentais		CH
História da arte		72
História da indumentária		36
Metodologia de projeto em design de moda		36
Modelagem		72
Materiais têxteis		36
Linguagem visual		72
Teorias da moda		36
Total		360
Período Letivo II: Exercício de criatividade		CH
Laboratório de criatividade		72
História da moda		72
Modelagem criativa		72
Oficina de costura		72
Desenho básico		72
Total		360
Período Letivo III: Introdução ao projeto		CH
Desenho de moda		72
Moda do séc. XX e contemporaneidade		72
Pesquisa de moda		72
Processos têxteis		72
Processos produtivos		36
Componente optativa		36
Total		360
Período Letivo IV: Projeto de produto		CH
Desenho de produto		72
Planejamento e composição de coleção		72
Oficina de prototipagem		72
Design de superfície		72
Empreendedorismo e moda		72
Total		360
Período Letivo V: Projeto aplicado		CH
Projeto de pesquisa em design de moda		72
Planejamento visual gráfico		72
Styling e moda		72
Vitrinismo		72
Total		288
Período Letivo VI: Projeto de produto		CH
Trabalho de conclusão de curso		72
Componente optativa		72
Marketing de moda		72
Total		288
Estágio supervisionado		100
Carga horária total do curso		1944

Fonte: IFB (2017, p. 51-55).

Ao analisar a matriz curricular, não há nenhuma disciplina que aborda a sustentabilidade de forma explícita, seja por nomenclatura ou ementa. A sustentabilidade é apenas citada no tópico 10.3 Pesquisa e Extensão no PPC, no Grupo 2 de pesquisa cadastrado:

Ressignificação de Produtos Vestíveis, que pesquisa a resignificação de objetos de vestuário, sustentabilidade, alterações formais, reaproveitamento de materiais, estudos sobre Cultura Material e Memória Afetiva (IFB, 2017, p. 65).

Portanto, a instituição não se posicionou até o momento na implantação de disciplinas específicas para abordagem da sustentabilidade, ficando a cargo das disciplinas optativas, que não são detalhadas no PPC.

6.3. UNIP

O curso de Bacharelado em Moda na UNIP teve início na década de 90, na cidade de São Paulo e, em agosto do mesmo ano, teve início a primeira turma que perpetuou até 2008, ano em que as vagas para o curso de Bacharelado em Moda deixaram de ser oferecidas e ficaram em andamento somente duas turmas (2006 e 2007) que formaram os egressos (bacharéis em Moda) devido a necessidade de uma formação acadêmica em tempo menor de semestres letivos (UNIP, 2021).

A partir então daquele ano, as turmas ofertadas passariam a ser tecnológicas na cidade de São Paulo, no campus Paulista e inicia-se a oferta em Brasília em 2020, no Campus Brasília - Asa Sul, e possui como objetivo difundir o conhecimento na área de moda enfatizando sua dimensão científica, técnica, tecnológica e criadora e sua multiplicidade teórica e metodológica, além de enfatizar a dimensão socioeconômica e cultural da comunidade regional, nacional e internacional (UNIP, 2021).

O curso se insere no mercado regional em um momento atípico, a pandemia da Covid-19, e tem seu primeiro ano letivo de forma remota, portanto, sua organização curricular abarca disciplinas ofertadas pela Educação a Distância - EaD, autorizada pela Portaria MEC no 2.117, de 06 de dezembro de 2019 (Brasil, 2019).

Sua matriz curricular contempla disciplinas que privilegiam os conteúdos programáticos interligados em áreas de formação e áreas de conhecimento: Conteúdos Básicos, Conteúdos Específicos e Conteúdos Teórico-Práticos (UNIP, 2021).

O currículo permanece o mesmo desde a implantação do curso, e há pré-requisitos entre módulos pontualmente entre disciplinas. A matriz de 2 anos é disposta em 4 ciclos. Cada ciclo é composto por 2 módulos, e o curso totaliza 2.450 horas, conforme a Tabela 3.

Tabela 3: Matriz Curricular 2021 – UNIP

Série: 1		CH
Estudos disciplinares		50
Estudo da forma		60
Produção de moda e estilo		60
Modelagem plana		60
Projeto integrador multidisciplinar I		100
Oficina de criação		60
Método do trabalho acadêmico – EaD		30
Dinâmica das relações interpessoais – EaD		30
Interpretação e produção de textos - EaD		30
Desenvolvimento sustentável - EaD		30
Arte, cultura e design de moda - EaD		60
Total		570
Série: 2		CH
História da moda		30
Estudos disciplinares		50
Laboratório de criação		90
Desenho expressivo		90
Técnicas de corte e costura		60
Projeto integrador multidisciplinar II		100
Moda e mercado – EaD		30
Sistema de moda – EaD		30
Comunicação aplicada – EaD		30
Moulage e representação tridimensional - EaD		60
Total		570
Série: 3		CH
Estudos disciplinares		50
Modelagem avançada		60
Desenho técnico informatizado		60
Tecnologia têxtil		60
Planejamento/criação de coleção		60
Projeto integrador multidisciplinar III		100
Plano de negócios – EaD		30
Consultoria de moda e imagem – EaD		30
Pesquisa de moda – EaD		60
Tecnologia da confecção - EaD		60
Total		570
Série: 4		CH
Atividades complementares		100
Comunicação visual do produto		60
Estudos disciplinares		50
Design do vestuário		90
Planejamento do produto de moda		90
Modelagem computadorizada		60
Projeto integrador multidisciplinar IV		100
Libras (optativa) – EaD		20

Linhas de produtos - EaD	30
Marketing pessoal (optativa) – EaD	20
Educação ambiental – EaD	30
Relações étnico-raciais e afrodescendência – EaD	30
Estratégias de administração de moda - EaD	30
Total	740
Carga horária total do curso	2450

Fonte: UNIP (2021, p. 52)

Ao analisar a matriz, nota-se a introdução à educação para a sustentabilidade desde o primeiro ciclo de conteúdo a serem abordados em sala de aula. Vale ressaltar que a sustentabilidade vai muito além do ambiental, envolve a inclusão e diversidade de grupos sociais (Tree, 2022). Portanto, trabalha-se a temática na disciplina da Série 1 - Desenvolvimento Sustentável, e na Série 4 - Educação Ambiental e Relações Étnico-Raciais e Afrodescendência, com 30 horas cada disciplina, todas na modalidade EaD, com as seguintes ementas:

Desenvolvimento sustentável: Principais conceitos sobre desenvolvimento sustentável. A questão do aquecimento global. A degradação ambiental no Brasil. Amazônia. As diferentes dimensões do desenvolvimento sustentável (ambiental, econômica, social, política, tecnológica, entre outras). Os instrumentos de gestão ambiental nas organizações. A questão da moda e sua relação com a sustentabilidade. Procedimentos para reduzir, reutilizar e reciclar. Oportunidades para os empreendimentos ecológicos. A certificação de produtos e fornecedores ambientalmente responsáveis. As características do marketing ambiental se fundamentam na Lei de Educação Ambiental no 9.795 de 27/04/1999 e no Decreto no 4.281 de 25/06/2002 (UNIP, 2017, p.103).

Educação ambiental: A Educação Ambiental e o desenvolvimento de diferentes valores e de comportamentos na relação humana com o meio ambiente (UNIP, 2017, p. 121).

Relações Étnico-raciais e afrodescendência: A partir da aprovação da Lei no 11.645 de 10/03/2008, torna-se necessário a formação para uma prática profissional e pedagógica sob a perspectiva das relações étnico-raciais no Brasil, abordando os seguintes elementos: a legislação a respeito das relações étnico-raciais no Brasil; cultura e história das populações indígenas no Brasil; a questão da terra indígena: problema social ou ambiental? Cultura e história das populações afrodescendentes no Brasil; racismo e relações raciais no Brasil (o mito da democracia racial); imagens, representações e estereótipos de negros e índios no Brasil; identidade, diferença, interação e diversidade nas relações étnico-raciais; escola e currículo para a promoção da igualdade racial (UNIP, 2021, p.122).

Conclui-se que a instituição propõe a sustentabilidade na formação do designer para além da questão ambiental, também proporcionando pensamento crítico em relação à equidade e justiça social. É a instituição que mais abordou a temática no PPC, todavia, a Coordenação de

Educação da instituição declarou que não dará continuidade ao CST design de moda no ano de 2023, tendo sua última turma formada em julho de 2022.

7. INSTRUMENTO DE COLETA: ENTREVISTA E QUESTIONÁRIO

Após a análise dos Projetos Pedagógico de Curso, iniciou-se a aplicação das entrevistas com os coordenadores. A necessidade deu-se visto que é uma prática recorrente nas instituições de ensino adequar conteúdos de acordo com seus conhecimentos e saberes, onde notava-se uma descontinuidade das informações caso elas não estivessem documentadas em seus PPCs, demonstrando muitas vezes uma tática de apenas “vencer” o plano de ensino, sem questionar o que faziam e por que faziam.

Conforme visto no capítulo anterior, temos um cenário onde existe uma aplicabilidade das práticas sustentáveis de maneira tímida em sala de aula e questionou-se mesmo aquela Instituição que apresenta uma ou duas disciplinas relacionadas ao tema, o aluno realmente absorvia a magnitude da problemática e a importância do paradigma na sua formação profissional.

Os métodos utilizados para aplicação da entrevista com os coordenadores foram entrevistas semiabertas e já com discentes foram realizados questionários fechados, onde seus roteiros encontram-se nos apêndices B e C. Para a entrevista aos coordenadores, as questões foram construídas em cima do problema de pesquisa e que buscou tratar o tema de forma ampla, apresentando cada pergunta de forma mais aberta possível, a fim de explorar a resposta do entrevistado (Duarte; Barros, 2005, p. 66).

Para os questionários, optou-se pela metodologia estruturada, com perguntas iguais a todos os entrevistados, de modo a estabelecer uniformidade e comparação entre as respostas. As perguntas abertas possibilitaram conhecer de forma mais profunda e espontânea a opinião do discente sobre o assunto abordado, permitindo variedade maior de respostas (Duarte; Barros, 2005, p. 172).

Havendo uma variação entre os conhecimentos dos discentes dos primeiros e últimos semestres, nota-se a absorção e interesse pelo tema, além do que é verdadeiramente passado em sala de aula. A opinião do aluno valida se o que o Projeto Pedagógico documenta é aplicado em sala de aula, além de prever se há correlações com outros projetos educacionais, como visitas técnicas, *workshops* e projetos de extensão promovidos pelas Instituições.

Ao todo foram entrevistadas três coordenações e coletadas 60 respostas de discentes em questionários das três Instituições de Ensino Superior analisadas, sendo 33 do IESB, 25 do IFB e 02 da UNIP.

Conforme Duarte e Barros (2005) apontam, o roteiro é composto de poucas questões, mas suficientemente amplas para serem exploradas em profundidade sem que haja interferências, e é uma ferramenta que valoriza o conhecimento do entrevistado, sendo ajustado ao roteiro do pesquisador.

As entrevistas do IFB e Unip foram realizadas virtualmente, através da plataforma virtual Teams, e a do IESB presencialmente, com gravação de voz, com duração de 50 minutos, e o processo foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília, tendo a participação voluntária pelos coordenadores das instituições e seu conteúdo gravado em áudio e/ou vídeo, utilizando como instrumento de coleta a entrevista semiaberta.

Ressalta-se que em momento algum, ao longo das entrevistas, assumiu-se a postura avaliadora, de maneira que na análise, não há juízo de valor sobre as falas. A análise foi realizada considerando sempre a percepção dos entrevistados, cujo argumentos se constrói a partir de suas vivências pessoais, acadêmicas e profissionais.

A partir da compilação dos dados das respostas obtidas, a análise consistiu em identificação de padrões e identificar se existe uma participação direta dos agentes educacionais, como coordenadores, no processo de ensino-aprendizagem e analisar as concepções dos acadêmicos em relação a temática da sustentabilidade na formação profissional, para em conjunto com o Projeto Pedagógico de Curso, mapear estratégias para a inserção das premissas de sustentabilidade na formação do aluno.

7.1. COORDENADORES

As entrevistas foram realizadas com a coordenação dos três cursos, sendo entrevistado os coordenadores em exercício desde a reformulação desses. Os depoimentos relacionam-se ao cotidiano do curso, suas percepções e conhecimentos relacionadas a temática, e constituição do Projeto Pedagógico de Curso e sua matriz curricular.

Os coordenadores também atuavam em sala de aula em seus períodos de coordenação, o que complementava a discussão com suas experiências em sala de aula de um modo geral.

Após a introdução e contextualização da temática da pesquisa, pediu-se que os coordenadores comentassem suas percepções do que é sustentabilidade, através da pergunta “Defina o que é sustentabilidade”. As três instituições trouxeram percepções gerais do conceito, como responsabilidade ambiental, consumo consciente, poluição, degradação do meio ambiente e geração de menores impactos.

Comum entre as falas das coordenações, notou-se o conhecimento das percepções difundidas por Manzini e Vezzoli (2016) - como o conceito ter origem relacionada ao termo “desenvolvimento sustentável” e tem sua determinante como aquele que atende às necessidades das gerações atuais e nos propõe o valor da responsabilidade das gerações futuras sem prejudicar os equilíbrios ambientais e a esperança de vida futura na terra se baseiam - reforçando que somente uma mudança de atitude atual reverbera um impacto para vida futura.

Um ponto importante citado pela coordenação do IFB foi

“Podemos colocar como sustentável desde a cadeia produtiva a mão de obra, que é o ponto que as pessoas menos dão bola, eu acho que a parte de mão de obra é a mais preocupante né nesse sentido...”

Trazendo à tona o objetivo 08 das ODS - Trabalho decente e crescimento econômico, desmistificando apenas o âmbito ambiental da palavra e reforçando a conexão entre mão de obra ética é um ato de sustentabilidade.

Posteriormente, questionou-se o conhecimento acerca dos documentos norteadores e legislativos como Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental e Lei no 11.645/08 Relações Étnico-raciais e afrodescendência para formação profissional e como eles eram traduzidos nos PPC, e a resposta foi que sim, e que há uma integração do corpo docente com a difusão desse conteúdo para o alunado. Um exemplo são as disciplinas específicas da UNIP, com 30 horas cada. Todavia, a coordenação da UNIP trouxe a perspectiva que o fato de o curso ter iniciado na pandemia, o momento atípico não os preparou adequadamente para a aplicabilidade do conteúdo de forma geral do Projeto Pedagógico.

A coordenação da UNIP cita que:

“A UNIP em São Paulo era quem coordenava o curso, então o que que acontecia ele passava os documentos por exemplo o ppc e eu encaminhava isso para os professores. Mas não houve formação inicial e continuada, um treinamento, pois estava prevista em março, na mesma época que a pandemia foi decretada e acabou que não teve...”.

Logo, ficou ao encargo de cada professor que assumia a disciplina explorar a ementa e ensinar da forma que julgava necessário. A coordenação aponta que o comprometimento da equipe foi bom, mas acabavam que por esforço próprio, buscavam se qualificar e desenvolver o que fosse necessário para ministrar as disciplinas.

Esse posicionamento da instituição recai sobre a formação própria do professor e sua vontade, ou não, de transmitir o conhecimento acerca do conteúdo. A formação continuada do professor mobiliza e sistematiza os conhecimentos profissionais do docente, além de implicar uma mudança no modo de fazer e pensar dos sujeitos, compreendendo esse processo não no sentido unilateral, mas dos diversos sujeitos envolvidos. Conforme afirma Batista (2010 *apud*. Dantas, 2022) a formação como processo contínuo assume a necessidade de inserção de projetar e implementar metodologias de trabalho que apreendam temáticas e estratégias que possibilitem diálogos com os sujeitos envolvidos.

Outro fator importante é que a partir do momento que se replica um Projeto Pedagógico que foi pensado para outro estado, com características mercadológicas diferentes, nos abstermos das características regionais do qual ele se inserirá. A partir do momento que comparamos São Paulo e o Distrito Federal na perspectiva da moda, encontramos dicotomias em todo o setor, desde o aspecto de produção em escalas industriais e não industriais, até o público-alvo, que é o estudante. Dessa forma, o Projeto Pedagógico não pode ser um molde pronto, deve-se olhar para a regionalidades e suas especificidades para alcançar uma formação que gere empregabilidade futura para o estudante.

O IESB também traz disciplinas que falam sobre a temática da sustentabilidade e comenta sobre os professores:

“Temos professores que são pesquisadores na área e o corpo docente possui conhecimento acerca desses documentos, e fazem questão de trabalhar esse conteúdo em sala de aula, inclusive trazendo as 17 ODS como pauta de conteúdo em aula. Para a instituição essas prerrogativas também são importantes, e no curso de moda principalmente, devido ao impacto gerado pela indústria do vestuário”.

Outro ponto importante são os Núcleos de apoio/acolhimento, ou outras nomenclaturas, que são fortes aliados à propagação e elaboração de projetos na universidade que possam trabalhar assuntos como o decolonialismo, por exemplo, no caso do IFB:

“É um trabalho do instituto federal como um todo. É um ponto sempre importante pra gente nas discussões institucionais e tudo mais. E dentro do superior a gente tem um esforço assim bastante forte para a gente sair desse olhar europeu e começarmos a olhar para as nossas raízes.”

A moda decolonial e a sustentabilidade fomentam a discussão acerca da moda local e sua valorização. Desde cedo o Brasil é impactado por uma moda do hemisfério norte incondizente com o clima tropical do país, ou seja, uma moda colonizada, que se caracteriza principalmente pela criação e exibição de coleções estrangeiras, em sua maioria Europa e Estados Unidos, e copiadas para serem produzidas nos países colonizados.

Sendo assim, a moda local tem muito a oferecer ao se pensar em produções artesanais, com técnicas tradicionais e materiais específicos das regiões, com características próprias e que podem promover a emancipação e o giro econômico para sobrevivência de comunidades, além da geração de emprego e renda.

Entretanto, em disciplinas como História da Moda e Moda no Século XX e Contemporaneidade, presentes no PPC do IFB, onde o assunto se enquadra adequado para ser ministrado, as ementas não retratam de forma específica a integração da temática, constando apenas na segunda disciplina uma referência na bibliográfica básica através da obra História da Moda no Brasil: das influências às autorreferências, de Braga e Prado. Segundo o PPC, assuntos abordados respectivamente na ementa são:

A difusão da moda. O século XVII. O século XVIII. A consolidação da França como polo gerador de Moda. A Revolução Francesa. Romantismo e o Dandismo para o desenvolvimento da Alta Costura. Século XIX: Revolução Industrial e a indústria do vestuário. Moda como sistema relacional, interativo e histórico. Moda como fenômeno cíclico: continuidade, ruptura e identidade nos fenômenos da moda; moda e estilo; papel do passado na invenção do novo (IFB, 2017, p. 32).

O desenvolvimento da Alta Costura. Século XIX, Revolução Industrial e a indústria do vestuário. Belle Époque. Primeira Guerra Mundial e a revolução da forma feminina. Entre Guerras e a Segunda Guerra Mundial. Pós- Guerra. Divas do cinema e o realce da feminilidade. Surgimento do prêt-à-porter. Estética artificial. Estética naturalista da década de 1970. Ostentação, volume e culto ao corpo da década de 1980. Minimalismo e transição. Globalização da informação de moda. A moda no século XXI (IFB, 2017, p. 37).

O IFB, apesar de não contar com disciplinas específicas em seu projeto pedagógico de curso voltado para a sustentabilidade, segundo a coordenação aproveita-se disciplinas optativas e projetos de extensão e culturais, todavia, não há registro das atividades, mesmo buscando em redes sociais ou site oficial do Instituto Federal de Brasília. Além disso, segundo a entrevistada, há um posicionamento da instituição que se empenha fisicamente para realizar estratégias práticas da sustentabilidade comumente conhecidas como redução de energia, separação de resíduos, e outros postos ligados aos aspectos ambientais.

A coordenadora do IFB informa também que o processo de mudança é burocrático quando envolve o PPC, por isso as disciplinas genéricas se tornam oportunas para o fomento da sustentabilidade. Além de trabalhar o assunto em disciplinas tradicionais, como materiais têxteis, modelagem e costura, com utilização de resíduos, análise do impacto têxtil, utilização de técnicas de baixo descarte e materiais não convencionais na criação dos produtos de moda.

Todavia, a falta de registros na grade curricular, demonstra uma autonomia não benéfica para o ensino da sustentabilidade. A escrita materializa, dá concretude ao pensamento, dando condições assim de voltar ao passado, enquanto se está construindo a marca do presente (Weffort, 1996 *apud*. Dantas, 2022.). Dessa forma, a falta de institucionalização da sustentabilidade pode ser um problema a longo prazo, uma vez que o professor que assumir a disciplina explorará a ementa de uma disciplina tradicional da forma que achar coerente, se delimitando ou não, ao plano de ensino abordado por ela.

Os próximos questionamentos foram voltados para o impacto do ensino aprendizagem, abordando o seguinte questionamento: “Como esses estudos sobre sustentabilidade dentro dos cursos de moda no Distrito Federal podem conduzir uma mudança na forma que produzimos e consumimos moda na nossa região?”. Vemos aqui o reflexo do esforço do corpo acadêmico em querer ensinar, mas é uma escolha do designer em querer aplicar. Como aponta a coordenação do IFB:

“Nós não controlamos ninguém né, fazemos o nosso papel, e eu acho que esse papel ele está sendo bem-feito nesses aspectos. Uma falha ou outra, como por exemplo a falta de extensão, falta dos projetos de pesquisa, mas dentro de sala de aula acho que a gente cumpre bem esse papel. E eu não acredito que o aprendizado seja um lugar de conforto, eu só acredito no aprendizado em um lugar de desconforto e ao mesmo tempo eu não acredito no aprendizado que esse desconforto tenha que ser tosco, rude, bruto enfim grosseiro, eu acredito no afeto e que é construção de tijolinho por tijolinho, de pequenos passos...”.

Sendo Brasília uma cidade jovem e com características diferenciadas no quesito indústria, com porte para pequenas oficinas de costura, os jovens designers também vem se desafiando na elaboração de suas próprias marcas, prestação de serviços, e se empenhado em tentar entender as peculiaridades do mercado regional.

Por fim, levantamos “Quantos egressos são formados por ano e se os egressos conquistam seu espaço no mercado de trabalho. Em quais áreas específicas da moda? Algum dos egressos tem um trabalho atualmente que contempla práticas sustentáveis? Pode me dar exemplos desses egressos?” O IESB informou que cerca de 20 alunos são formados anualmente, a UNIP formou cerca de 25 alunos em suas duas turmas executadas aqui em Brasília e o IFB forma cerca de 15 a 20 alunos. Portanto, é um número expressivo de profissionais na área em relação ao mercado de trabalho, e muitos já se encontram atuando no mercado de trabalho, em sua maior parte com *styling* (produção de moda), costura, modelagem e abrindo seu próprio negócio, como produções autorais e brechós.

Apenas com duas universidades atuantes no momento, nota-se uma dicotomia em relação a economia local. Com concorrência acirrada para entrada na instituição de âmbito federal e salas de aulas cheias na particular, compreende que a sociedade busca a formação em moda devido o fato do Distrito Federal ocupar a terceira posição entre as maiores economias municipais do país, e apresentar a maior renda per capita e isso reflete diretamente no consumo aliado a distância dos grandes produtores industriais, gerando impulso às indústrias de confecções da região, que abrange a capital federal e suas cidades do entorno (Codeplan, 2020; Sousa, 2019).

Percebe-se que do posicionamento das coordenações das referidas instituições, mostra-se empenho em transmitir a importância das práticas sustentáveis na moda além do parâmetro ambiental. Os coordenadores trazem que há também uma ação através de disciplinas como história, modelagem, criação, entre outras que leva o futuro designer a pensar no desenvolvimento de produtos sustentáveis desde sua produção, distribuição, utilização e descarte, ou seja, todo seu ciclo de vida. E mesmo que algumas não deixe explícito em seu Projeto Pedagógico de Curso, como o IFB, a instituição se posiciona no desenvolvimento através das disciplinas tradicionais e optativas, levando o conhecimento de forma verticalizada no curso.

Para confirmar essa contextualização retornou-se ao PPC para buscar a validação dessa informação, ou se era apenas uma ação docente responsável pela disciplina.

No IESB, na disciplina de Tecnologia da confecção, que visa a abordagem de processos produtivos dentro da cadeia de fabricação do vestuário, a ementa define que deverá ser abordado o conteúdo a partir de “economia de recursos e de parâmetros de sustentabilidade”. (IESB, 2022, p. 108). E conforme visto anteriormente, é na fabricação onde há um dos grandes problemas do ciclo de vida do produto, a geração de resíduos sólidos, portanto, a inclusão desse conteúdo da disciplina introduz e conscientiza acerca da viabilidade produtiva e suas características e impactos no meio ambiente.

Já no IFB, apesar de saber por meio de declaração que o docente atua abordando o assunto em sala de aula, não há registros que documentem o processo, logo, é uma ação isolada aquele responsável pela disciplina. E não desmerecendo ou reduzindo o conhecimento do professor regente, mas confrontando o fato de que sem documentação, não há uma continuação no processo de aprendizagem.

O fato de estar no papel não necessariamente leva o docente a saber lidar com o assunto, mas o leva a buscar conhecimento e aprimorar-se para perpassar a temática em sala de aula, indo além do conteúdo, mas relacionando com o envolvimento dos alunos, os motivando a aprender e aplicar com o intuito não apenas de aprimorar, mas de transformar uma realidade (Lima, 2018).

Portanto, o Distrito Federal é uma região que possui capacidade para atender novos criadores, e essa formação com maior conhecimento e de caráter autorais irá torná-los capazes de trabalhar o assunto de maneira prática, além de promover a capacidade do sistema produtivo de responder à procura social de bem-estar utilizando uma quantidade de recursos ambientais drasticamente inferior aos níveis atuais (Manzin; Vezzoli, 2016).

7.2. DISCENTES

Aos discentes foi aplicado um questionário estruturado, com perguntas abertas iguais para todos os respondentes, de modo a estabelecer uniformidade e comparação entre as respostas, e de maneira a complementar os resultados obtidos nas entrevistas semiestruturadas aplicadas aos coordenadores (Duarte; Barros, 2005).

A seleção dos participantes foi realizada seguindo o critério de que deveriam ser alunos dos primeiros e últimos semestres dos cursos de graduação em Design de Moda, exceto da Universidade Paulista, que são alunos egressos formados e ressalta-se que apenas 02 alunos que se prontificaram a participar. Essa diversificação se deu para obter informações que possam dar visões e relatos diversos sobre os mesmos fatos de alunos em diferentes períodos de curso.

No primeiro questionamento, “O que você entende por sustentabilidade na moda?” tantos os discentes do IESB como do IFB apontaram conceitos como brechós, *upcycling* e indústria têxtil, retratando o reaproveitamento de resíduos têxteis e conceitos da sustentabilidade no âmbito social e econômico também. Relatos como:

“A sustentabilidade é um compilado de fatores. Ela envolve toda a cadeia de produção envolvendo desde o bom cuidado com funcionários (tratamento, financeiro) até a responsabilidade do uso de materiais, o descarte, como é produzido. É o cuidado como a produção terá o menor impacto no meio ambiente. São pequenas atitudes e mudanças que resultam numa melhor qualidade de vida para todos.” de uma discente do 4º semestre do IESB.

“Equilíbrio de práticas que tragam benefícios sociais, ambientais, financeiros e colaborativos desde o início na ideação até o fim do uso da peça, considerando os impactos das práticas no ambiente e na sociedade.”, de um discente do 2º semestre do IFB.

Demonstraram uma postura favorável no conhecimento de que sustentabilidade é além do ambiental, retratando suas demais dimensões, devido as suas posições tanto iniciais como final de graduação.

Partindo para como o conhecimento foi explorado na universidade com o questionamento “Na universidade, de que forma foi abordado o assunto sustentabilidade? Nas aulas, em palestras, em práticas, em visitas técnicas? Os professores dominam esse assunto?”. Os discentes afirmam que os docentes possuem sim conhecimento, mas alguns afirmam que o assunto é abordado superficialmente. Nesse ponto, é importante ressaltar que temos dois casos de instituições de ensino superior que tem disciplinas específicas para o assunto e outra não, demonstrando que fica a critério do docente responsável por alguma disciplina oportuna abordar a temática ou não.

Através do relato de uma discente do 3º semestre do IESB:

“Além de matérias voltadas para a sustentabilidade na moda, temos aulas que ensinam materiais mais colaborativos com o meio ambiente e a causa, trazendo um

conhecimento muito maior, também a obrigação de estratégias sustentáveis em projetos ao longo de semestre. Os professores dominam esse assunto e nos ajudam a entender a melhor e de forma profunda.”

Analisamos o impacto que a disciplina específica para o assunto leva o aluno a entender a relevância do conteúdo na sua formação, indo de encontro ao relato da estudante do IFB do 6º semestre:

“Não lembro de ter nenhuma componente específica sobre o assunto, mas acredito que foi falado de forma mais leve em algum momento.”

Nota-se de como apesar de ser assunto abordado, a componente que trata especificamente sustentabilidade faz diferença no mecanismo do ensino-aprendizagem. No atual cenário do ensino superior é necessário que sejam propostas condições em que os estudos de diversas áreas possam convergir em torno de situações reais, buscando a teoria necessária à compreensão das mesmas (Anastasiou, 2010 *apud*. Sanches, 2017, p. 149).

Através do questionamento correlacionando a pergunta anterior a efetividade da disciplina em sala, questionamos “Você compreendeu efetivamente o que foi ensinado sobre sustentabilidade?” e 88% responderam que sim, e 12% responderam que não, corroborando com o apontamento anterior e esclarecendo essa perspectiva.

Levando em consideração o questionamento inicial desta pesquisa, propusemos a pergunta: “Qual a importância da sustentabilidade na sua futura carreira? Como poderá fazer uso deste conceito no mercado de trabalho?” Os alunos demonstraram entender que essa pauta os diferenciaria no mercado, no entanto muitas das respostas dizem mais a respeito da dimensão ambiental da sustentabilidade, abordando propostas de redução de resíduos têxteis devido o impacto da indústria na moda, ou criação de brechós, demonstrando que os alunos trazem perspectivas importantes de que essa habilidade o fará um profissional alinhado com as demandas socioambientais.

Segundo a aluna do 2º semestre do IFB:

“A sustentabilidade é um tema que tange todas as áreas e não somente da moda, mas na moda, envolve um aspecto relevante, visando que a indústria da moda polui e degrada, desde o processo de plantio até o fim da vida útil da roupa, com seu descarte. A importância se dá quando, dentro da minha área de atuação e das limitações sobre minha intervenção no processo, posso reduzir o consumo de matérias primas, ou incentivar o mercado de 2º mão.”

E da aluna do 4º semestre do IESB:

“A sustentabilidade é a solução e o método mais assertivo para continuar com o mercado da moda. Precisamos prestar atenção nos recursos pois, cada vez mais, eles entram em escassez. Pretendo prestar atenção nos materiais utilizados, na produção, mas principalmente na atenção e cuidado com funcionários.”

E do discente egresso da UNIP:

“É uma pergunta muito interessante. A sustentabilidade é muito importante por si só, desde o planejamento e concepção até o produto final e ao consumo. Pretendo fazer uso da mesma usando retalhos e dando vida para roupas antigas e restos de roupas é um bom começo para o caminho da sustentabilidade e não só isso, mas sendo uma empresa que respeita os direitos trabalhistas e que respeita o meio ambiente já ajuda bastante.”

É possível parametrizar que os alunos possuem ciência da complexidade da cadeia têxtil e da importância do papel do designer em busca de técnicas mais sustentáveis, indo de encontro com o relatado pelos coordenadores, e alcançando um perfil de egresso condizente com o que é estabelecido pela DCN, que visa uma compreensão acerca do contexto histórico, sociocultural, simbólico e mercadológico da área e, conseqüentemente, formar profissionais com visão histórica e prospectiva, conscientes das implicações econômicas, sociais, ambientais e éticas de sua atividade. (Lima, 2018, p. 97)

Questionados de que forma eles possuem acesso as informações, ponto importante no quesito da veracidade das informações, questionamos “Além disso, você já ouviu falar sobre o assunto em outros meios de comunicação? Quais? Costuma fazer pesquisa sobre sustentabilidade?” e 87,9% responderam ser através de internet, 55,2% responderam pela televisão, 46,6% por meio de artigos científicos e 1,7% não costumam pesquisar sobre o tema ou utilizam os canais apontados, mas de forma esporádica.

Ao levantarmos o questionamento acerca das práticas sustentáveis através da pergunta: “Que recursos e práticas você conhece, na moda, que contribuem para as práticas sustentáveis? Já usou esses conceitos em seus projetos na universidade?” retratou-se um cenário com muitas respostas em comum, sendo: *brechó*, *upcycling*, *slow fashion* e customização.

Todavia, segundo o Fashion Revolution Brasil (2023), é importante citar que brechó não é sinônimo de sustentabilidade. O movimento relata que o mercado de roupas de segunda mão é um segmento bilionário e que, somente em 2022, movimentou mais de 177 bilhões de dólares, podendo chegar à marca de mais de 350 bilhões em 2027. O setor não está isento de gerar seus próprios impactos socioambientais, uma vez que envolve estruturas organizacionais

e correm o risco de, conforme o mercado cresce globalmente, causarem consumo excessivo, colonialismo de resíduos e procedência dos itens vendidos.

O mercado de segunda mão não deixa de ser um passo à frente para alcançar soluções que gerem menos impactos, conforme relata aluna do 6º semestre do IFB:

“Moda circular, isso falo como consumidor do mercado de brechós que ainda é um nicho revolucionário no ramo da sustentabilidade. Já usei em um editorial para a matéria de planejamento visual gráfico, onde todo acervo para *styling* foi de brechó.”

Porém demonstra ser um mercado que necessita de olhar criterioso e com mais ações em toda estruturação, uma vez que a roupa sustentável é aquela que já existe, evitando que ela vá para aterros sanitários, gerando economia, fluxos mais renováveis e valor para a peça.

Houve também relevância nas respostas de materiais biodegradáveis e tecidos de fibras naturais, sendo fatores importantes no ciclo de vida do produto de moda. Segundo aluna do 2º semestre do IESB:

“A utilização de tecidos como cânhamo, por exemplo, é revolucionária por ser um produto com mais de 80 anos de vida útil e que é excluído por puro preconceito acerca da cannabis e interesse em vendas desenfreadas. Também a exploração de novos meios de produção, como o *upcycling*.”

Retratando ser possível contribuir para amenização dos danos da indústria têxtil ao planeta com uma escolha que afeta minimamente e pode ser um atrativo para os consumidores por sua durabilidade. Aqui a sustentabilidade manifesta-se enquanto atributo técnico relacionado ao material, mostrando uma possibilidade para se trabalhar o menor impacto ambiental. Todavia, o custo de tecidos tecnológicos ou sustentáveis, supostamente mais alto, apresenta-se como um empecilho para sua utilização pelas empresas (Lima, 2018, p. 186).

E para concluirmos os questionários, perguntamos: “Como futuro designer de moda, o que você sugere que deva ser mudado no segmento da moda para alcançar práticas sustentáveis?” e a reflexão mostrou a importância que a temática ao ser abordada em sala de aula reflete no profissional em formação. Apesar de efeito indireto e ser uma decisão a qual o profissional escolhe tomar, o ensino sensibiliza, conscientiza e mostra possibilidades, conforme comenta aluna do 6º semestre do IFB:

“É uma batalha difícil..., mas tudo começa por quem está sendo formado para o mercado no futuro. Para os futuros designers, conhecimento e consciência será determinante.”

Todavia, segundo aluna do 3º semestre do IESB, além da postura da indústria têxtil, há o outro lado da moeda que é o consumidor. É necessária uma mudança de comportamento da sociedade ao consumir desenfreadamente e descartar os produtos na mesma rapidez que os adquire:

“Com certeza, o modo que as empresas grandes (principalmente) e pequenas agem, sem se preocuparem com o lixo têxtil que produzem, os impactos ambientais por uso de produtos químicos e artificiais demais, exploração da mão de obra para vender barato. Definitivamente deve haver mudança no modo como as empresas de moda operam. E, acredito que o *mindset* da sociedade, se o desejo de consumir constantemente diminuísse, e a validade das roupas não fossem de um post no Instagram e sim de 10 anos, ou seja, uma peça pode durar por muitos anos e continuar nova, mas o que vemos hoje é que se aparecermos uma vez com a peça nova no *story* ou *feed* do Instagram, amanhã ela será velha, repetida e assim voltamos para o ciclo do consumo desesperado. Talvez com a mudança de *mindset*, conscientização das pessoas, possamos de fato ter uma melhora no cenário triste da poluição têxtil e da irrelevância que possui para as pessoas.”.

Portanto, em relação as expectativas de disseminação das práticas sustentáveis nos cursos de design de moda, evidenciou que os discentes entendem que a moda sustentável é essencial para o futuro. Eles demonstram que esforços são necessários para eliminar desperdícios durante o processo produtivo, reduzir e reaproveitar a água, além de usar materiais recicláveis. Em consequência, os gastos com compra de matéria-prima ou exploração de recursos da natureza são minimizados. Também retratou que é necessário um pensamento consciente no que diz respeito à escolha da matéria-prima que será utilizada, levando em consideração os materiais que podem ser reaproveitados e os métodos de produção que diminuam o impacto negativo ao ambiente.

Foi perceptível na análise que o público tem conhecimento sobre sustentabilidade e suas dimensões, mas às vezes, na prática profissional, essa compreensão não é totalmente exercida em razão da interferência de alguns fatores no processo criativo dos designers, como posicionamento da empresa, se eles são favoráveis ou não em aplicar práticas sustentáveis no cotidiano do trabalho, que a empresa se importa a longo prazo com esse assunto, entre outros, porém entende-se que o que será relevante no futuro pode influenciar a percepção dos discentes sobre a moda sustentável, uma vez que práticas tradicionais, não ligadas à sustentabilidade e à economia circular, ficarão obsoletas (Troiani; Sehnem; Carvalho; 2022).

8. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS: PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS PARA O FUTURO DESIGNER

O Projeto Pedagógico de Curso reflete a proposta educacional das instituições, cada uma com sua justificativa embasada em seu ano de implantação na cidade. Ele aponta a construção do aluno, o futuro designer, e encontra-se nele de forma concisa aspectos importantes relacionados aos objetivos do curso e ao perfil do egresso, definindo suas competências e habilidades. Embora os cursos apresentem muitas similaridades nos aspectos supracitados, a organização curricular é distinta e se apoia em padrões próprios ou nacionais.

A reflexão acerca da organização curricular a partir da realidade em sala de aula é um exercício cotidiano da coordenação do PPC e com foco no aprimoramento e aprendizagem da construção do conhecimento. A partir disso, se coloca em pauta as alterações necessárias, contudo, contextualizando a burocratização dos processos, para as IES particulares, o processo é diferente das públicas.

Todavia, ainda que haja disciplinas específicas relacionadas a sustentabilidade, as coordenações deixam claro que a questão sempre foi tratada de maneira transversal, e mesmo aqueles alunos que não tiveram contato de maneira óbvia e explícita, declaram que tiveram o assunto abordado indiretamente.

Segundo Lima (2018) as possibilidades de caminhos para a sustentabilidade em sala de aula podem incidir sobre uma ou mais etapas do ciclo de vida do produto ou ainda que seja necessário repensar a própria dinâmica de produção, consumo e descarte desse produto.

Tamanha multiplicidade de práticas reverbera no contexto educacional, no qual as abordagens direcionadas à sustentabilidade contemplam, a partir de diversos ângulos, práticas relacionadas aos materiais, aos processos e ao descarte do vestuário de moda, e também repensam o próprio sistema em que esse produto está inserido. (Lima, 2018, p.113)

Mesmo as IES que possuem conteúdo de forma explícita acerca da sustentabilidade, reconhece-se a importância da expansão da atividade e conteúdo a ser abordado, seja de modo multi, inter ou transdisciplinar.

Em relação a moda, são diversas as práticas orientadas a sustentabilidade que incidem sobre uma ou mais etapas do ciclo de vida do produto, ou ainda que repensem a própria dinâmica de produção, consumo e descarte, uma vez que projetar produtos é uma tarefa

complexa, visto que as demandas são instantaneamente identificadas e os valores imateriais se mostram cada vez mais relevantes nas motivações de consumo (Sanches, 2017).

A sustentabilidade é uma questão contemporânea que passou a ser considerada formalmente pelos cursos de Design de Moda há cerca de pouco mais de uma década. As abordagens relacionadas à questão, múltiplas, são incorporadas de diferentes maneiras. Igualmente, a forma como os alunos e alunas desenvolvem o tema e se relacionam com elas também é única (Lima, 2018).

Os conteúdos emergidos nas falas dos coordenadores e discentes dialogam com os conceitos existentes nos campos disciplinares dos Projetos Pedagógicos de Cursos, expostos no estudo de caso apresentado e aglutinam aspectos fundamentais para a reflexão a respeito do ensino em uma perspectiva de formação crítica e ativa para a aplicabilidade da sustentabilidade.

As coordenações relatam a importância de se educar para a cidadania, de modo que a formação técnica do profissional não esteja dissociada de sua formação humanística. O desenvolvimento de uma postura pessoal e profissional cidadã (ética, política e comprometida com a sociedade), juntamente ao desenvolvimento da consciência crítica, são apontados como atividades fundamentais, desafiadoras e gratificantes, ante as quais exerce um importante papel a aproximação do aluno à realidade social, econômica e cultural do seu entorno. Nesse sentido, as falas reiteram a importância da formação de um profissional cuja atividade no campo de atuação transcenda a execução de tarefas e se torne também uma reflexão a respeito destas e do próprio campo que as determina. A ética figura ainda como um elemento fundamental para pautar a relação dos indivíduos entre eles e com a natureza, nas esferas pessoal e profissional. (Lima, 2018)

Há um consenso acerca da necessária contextualização da sustentabilidade em relação ao universo dos alunos para que eles a compreendam e reflitam sobre ela com maior facilidade e interesse. É preciso abordar o tema também em uma dimensão micro, cotidiana e próxima aos alunos, para que sejam percebidas a responsabilidade e a efetividade das ações e seu potencial em moldar novos comportamentos. Nesse sentido, é admitida ainda uma abordagem com foco em determinado viés da sustentabilidade, mais aderente ao perfil do curso e ao campo de atuação real – de modo a permitir a prospecção de cenários distintos do

atual, porém conectados com determinada realidade social, econômica e cultural (Lima, 2018).

Nota-se que é necessário articulação e aproximação de forma equilibrada entre o ambiente acadêmico e o mercado de trabalho, de modo que os cursos estejam alinhando à realidade desse mercado, mas não submetidos a ela. Para isso, é necessária uma interlocução entre os agentes para a construção de pontes entre as duas esferas, uma vez que muitos egressos acabam partindo para um trabalho autoral e autônomo.

A transição rumo a sustentabilidade, implica em uma reorganização da relação produção-consumo e dos padrões de comportamento e estilos de vida associados, de modo que, nas esferas da prática e do ensino superior em design de moda, faz-se necessário uma ruptura de como é entendido e ensinado a moda.

Uma vez que a educação, enquanto intervenção no mundo, pode aspirar a transformar a sociedade ou mantê-la como está, pensá-la no que se refere à transformação de nossa atual condição de insustentabilidade é reconhecer e assumir seu necessário posicionamento contrário ao status quo e sua natureza diretiva e política, admitindo, portanto, sua não neutralidade (Lima, 2018, p. 260).

Ao correlacionarmos os resultados entre Projeto Pedagógico de Curso, coordenadores e discentes, chegamos ao cenário de mapeamento de estratégias para a inserção das premissas de sustentabilidade na formação do aluno, seguindo as três esferas de forma interligadas: institucional, coordenação e documental.

No âmbito institucional, além de uma reformulação no PPC, se necessário, é importante a viabilização de meios que gerem contato dos alunos com as práticas sustentáveis, podendo ser promovidas por meio ações voltadas a integração do aluno ao mercado de trabalho e como seu conhecimento pode vir a agregar naquele sistema.

A estratégia proposta é a realização de visitas técnicas a pequenas indústrias localizadas na região do Distrito Federal, colocando os alunos frente a frente com o atual cenário de produção de vestuário local, que apesar de consideradas de porte micro, não se eximem de produzir refugo têxtil. Conforme aponta Sousa (2019) a aplicabilidade de sustentabilidade em confecções que a autora analisou enxergam a sustentabilidade correlacionada ao aspecto econômico, pois as práticas exercidas são voltadas para economia financeira e seu retorno, seja na questão de lucratividade, no melhor reaproveitamento dos materiais, evitando desperdícios, seja na agilidade produtiva, tendo uma redução de tempo

de produção, por intermédio de investimentos em maquinários e métodos de produção mais eficientes.

Como estratégia é a atuação do designer no sistema de cooperativismo, onde muitas nascem com projetos sociais ligados a moda, envolvendo artesanato de materiais recicláveis, customização, confecção de utilitários utilizando resíduos têxteis, estes que passa pelo processo de corte e descarte dentro da indústria de confecção, e a partir do momento que ele se torna um retalho de tecido indesejável, passa a ser doado, podendo ser reaproveitado e reutilizado se tornando um produto novo que pode gerar renda para famílias ou para ajudar a manter o projeto social (Sousa, 2019, p.123). E ali torna-se oportuno para que o designer em seu papel de projetista passe a refletir em como viabilizar projetos e produtos que venham a ser valorizados pela sociedade. Os que reciclam, os produtores e os designers enfrentam uma série de problemas ligadas ao tempo que transcorre entre projetar e descartar, e é um momento que se dá atenção as estratégias de fim de vida do produto, uma vez que esta envolve quem produz e quem projeta (Manzini; Vezzoli, 2016, p.112).

A estratégia é o sistema de circulação e reuso têxtil, gerando um banco de tecidos. Difundido pela empresa Banco de Tecido, existente apenas em São Paulo, consiste em uma iniciativa dedicada a circulação de tecido de reuso com a premissa de solucionar a sobra de produção de tecelagens, confecções e ateliês, recolocando este material no mercado através de um sistema misto de troca e venda (Banco de Tecido, [s.d.]). Esse método auxilia uma troca viável entre o colegiado, uma vez que ele necessita adquirir constantemente materiais para seus projetos acadêmicos e dessa forma gera conscientização em como ressignificar aquele material que outrora não seria absorvida pelo mercado consumidor e poderia ser replicada nos campus das IES como forma de troca e convivência.

A integração e inclusão entre os níveis de formação também se coloca como estratégia. A cadeia têxtil é complementada por outros agentes da moda além do próprio designer, como as costureiras, modelistas, cortadores e estes são as classes que mais sofrem com os impactos sociais da indústria têxtil. Salcedo (2014) reforça que o trabalhador que confecciona uma peça de roupa recebe entre 1% a 2% do preço de venda do produto. As situações de insalubridade e insegurança no setor têxtil, bem como a exploração do trabalhador e de menores de idade nos processos de coleta de matéria-prima e produção, representam uma injustiça social e um atentado contra o bem-estar da humanidade,

tornando-se importante que o designer valorize aquele que torna seu produto realidade e o estimule a se capacitar dentro da área, além de viabilizar condições favoráveis para o trabalhador que o acompanhará em todo processo de criação (Salcedo, 2014, p. 29).

No âmbito coordenação, correlacionando a perspectiva obtida através das entrevistas, há uma necessidade de posicionamento e entendimento relacionado ao assunto e a importância da documentação do processo, buscando em conjunto com a equipe acadêmica a catalogação para que os futuros professores possam dar continuidade no processo acadêmico e não o restringir. Ao direcionar ações pedagógicas para interagir teoria e prática e promover a transversalidade de saberes, cria-se as condições necessárias e essenciais para o ensino do design (Sanches, 2017, p. 136).

Como estratégia propõe a interdisciplinaridade, uma característica da própria prática do design de moda, na condição de essencial para os cursos e a formação discente. Sob a ótica da sustentabilidade, a proposição de soluções inéditas por parte dos alunos encontra-se vinculada a uma abordagem transdisciplinar da questão, ainda bastante difícil em decorrência do modelo educacional prevalecente. A emancipação dos alunos, de modo que se tornem autônomos, também é apontada como um ponto importante no decorrer do processo formativo, inclusive para que eles direcionem seu aprendizado ao longo do curso.

Mais do que formar profissionais, técnicos ou especialistas, é preciso formar o licenciado capaz de questionar o mundo, o homem, a sociedade, a cultura, a educação e que, elevando-se acima da mediocridade e da banalização dessas realidades, contribua para a elevação de todos os humanos ao mundo da cultura, do espírito, da autonomia (Coelho, 2006, *apud*. Dantas, 2022).

Além disso, a fomentação da formação continuada deve ser debatida com frequência entre coordenadores, uma vez que esse conhecimento agregará a atuação do profissional em sala de aula. A formação pedagógica continuada é um processo que depende da capacidade dos professores em integrar um conjunto de informações e possibilidades transformando isso em material de formação, de conhecimento e uma atualização da prática docente (Dantas, 2022, p. 102). E para além da formação continuada, uma boa performance docente também levará em conta seu ambiente de trabalho, este que precisa ser saudável e ter boas relações bem estabelecidas entre a instituição, coordenação e docentes.

No âmbito documental, olhamos para o discente, que graças a tecnologia, é esperado que muitos já cheguem com suas próprias percepções do que é sustentabilidade, e a intenção da formação deve ser em torná-los propulsores e catalisadores de novas maneiras de se pensar e agir com relação à indústria.

Para isso, a estratégia necessária deve vir do despertar do interesse em relação a temática e predisposição em aprender, gerando uma experiência afetiva. Para isso, é necessária uma aprendizagem significativa, esta que possui materiais instrucionais introdutórios, utilizados com o propósito de manipular a estrutura cognitiva dos alunos, criando uma ponte cognitiva entre os novos conceitos e os conhecimentos já existentes (Sanches, 2017, p. 120). Atitudes e sentimentos positivos em relação a experiência educativa tem raízes na aprendizagem significativa, e por sua vez, a facilitam.

Sanches (2017) defende que para a aprendizagem significativa se efetive, são necessárias duas condições: a primeira é a predisposição em aprender significativamente, já que assimilar novos processos exige esforço, e a segunda relaciona-se ao material utilizado durante a instrução do aprendiz, que deve ser potencialmente significativo, lógica e psicologicamente, de forma que seus elementos, conceitos, figuras e esquemas estejam organizados de maneira lógica para que cada aprendiz imprima a leitura sobre eles e construa novos significados referente a informação.

O envolvimento com a sustentabilidade necessita dessa motivação na fase de aprendizagem, o envolvimento com a temática é imprescindível para que os conteúdos sejam absorvidos e os alunos se sintam motivados a trabalhar com o tema, podendo ser explorado o potencial propositivo do design para a sustentabilidade.

Essa ação se costura com as atitudes tomadas pela instituição e professor, uma vez que quando se afirmar que o estudante precisa ter predisposição para a aprendizagem, pode-se deduzir que está implícita a premência de um contexto educacional favorável, em que estão inclusos o ambiente e relacionamentos interpessoais (Sanches, 2017).

A caminhada estudantil na universidade deve ser permeada pela experiência de ensino, pesquisa e extensão na formação de profissionais de diversas áreas, na formação dos cientistas com a devida apropriação de métodos e conteúdo das diversas especialidades do conhecimento e a formação do cidadão que produz conhecimentos e no seu compromisso

com a sociedade, passando a ter compromisso de retornar e socializar o que aprender (Severino, 2007, *apud*. Dantas, 2022).

É notório que as experiências prévias e vivência dos alunos, pessoais ou profissionais, exercem influência em seus discursos, postura, escolhas e práticas. Na construção das falas, a associação de conteúdos a partir de determinadas opiniões e situações.

Portanto, há um reconhecimento do papel do design perante um contexto de mudança e a satisfação em relação a uma profissão cuja atividade pode beneficiar a sociedade. Desse modo, observa-se a assunção, por parte dos alunos, de si mesmos enquanto sujeitos, agentes de mudança cuja atividade pode colocar em prática, além de conteúdos apreendidos, novos valores (Lima, 2018).

Conforme visto anteriormente, a proposta educacional manifesta no Projeto Pedagógico de Curso dos três cursos concebe um profissional capaz, que, em tese, de atuar ante uma condição que a realidade socioambiental impõe no mercado de trabalho de maneira crítica, competente e transformadora. O cotidiano da construção desse profissional, expresso de maneira explícita ou latente nas falas da coordenação e do corpo discente sugere que o desafio se relaciona não apenas a conteúdos propriamente ditos, relacionados à moda, design e sustentabilidade, mas também à forma como esses conteúdos são incorporados na trajetória acadêmica.

Com base nos resultados, pode-se constatar que que é possível, durante a formação inicial do profissional da moda, desenvolver o compromisso com a sustentabilidade. O que é necessário é o maior engajamento das três esferas, verticalizando a temática, documentando a partir de projetos e os repetindo consecutivamente, e propiciar aos alunos experiências que o leve a crer e atuar com as práticas sustentáveis em seu futuro profissional. O papel do projetista no processo de transição em direção a sustentabilidade, sua tarefa não será de projetar estilos de vida sustentáveis, mas sim a de propor oportunidades que tornem praticáveis estilos sustentáveis de vida (Manzini; Vezzoli, 2016, p. 72).

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa surgiu a partir do questionamento sobre como está sendo a formação acadêmica do futuro designer de moda no Distrito Federal para que ele atue no mercado com

as demandas que esta realidade socioambiental impõe, somado à reflexão sobre as pesquisas do assunto, analisando o perfil profissional em formação e a atualização dos projetos pedagógicos de curso.

Trazendo à tona o questionamento inicial da pesquisa, chegamos à conclusão de que a formação do aluno pode ser mais efetiva. Apesar de haver uma proposta pedagógica viável, é necessário maiores registros e popularização dos conceitos acerca sustentabilidade na moda e tudo que a cerca, conforme pontuado nesta pesquisa. Precisa-se maior aprofundamento e abordagem cotidiana e orgânica ao discente, para que seja compreendido que a sustentabilidade é uma atitude diária e constante do profissional designer de moda.

Nota-se também uma necessidade de fomentação e valorização do designer para a economia local, buscando a ancestralidade dos processos artesanais e de vestuário que surgiram no Distrito Federal e podendo o incorporar no objeto de estudo desse profissional em formação. E por fim uma mudança de paradigma das universidades em entender as peculiaridades do estado e em como traduzir isso na formação dos alunos, para que sua formação seja aproveitada na economia local.

Esse reflexo na formação trará soluções a longo prazo para a moda regional, viabilizando uma empregabilidade efetiva com melhores ofertas de serviço e valorização e qualificação da mão de obra local. Também promoverá uma conscientização em relação ao consumo, uma vez que não somos grandes produtores e terceirizamos os serviços, poderá ser incentivado uma geração de renda local e viável, compreendendo o valor econômico do trabalho e revertendo isso ao produto e mostrando ao consumidor local o verdadeiro valor agregado ao produto e a importância desses fatores na composição histórica do vestuário.

Sob a ótica de que a sustentabilidade nos cursos e na prática profissional pode e deve ser encarada como algo cotidiano e essencial, igualmente não pode ser reduzida a determinados atributos, como técnicos e materiais. A reflexão não requer apenas sua inserção no processo de ensino aprendizagem, mas pensá-la com propósito.

Apesar de alguns PPC apresentarem a oferta de disciplinas vinculadas a sustentabilidade e outras não, o fato é que boa parte do discentes, ou seja, futuros designer, possuem um conhecimento desejado deste conceito, mesmo que ainda se limite ao que é popularizado como *brechó*, *upcycling*, *slow fashion* e outras técnicas e modelos de negócio.

E em vista que as possíveis mudanças virão através da extensão de ensino, estas terão impacto significativo perante a sociedade, uma vez que elas visam aproximar a comunidade e academia, com o objetivo de ampliar o conhecimento, acrescentar experiências e oferecer suporte para a evolução cultural, social e profissional do estudante. E torna-se um grande mecanismo de experiência permitindo aos alunos a possibilidade de colocar em prática o conhecimento aprendido durante a graduação. Dessa forma, as pesquisas em moda viabilizarão a possibilidade de ganhar experiência, enquanto presta um serviço à sociedade.

Desse modo, é legítima e construtiva a multiplicidade de abordagens percorridas pelas instituições investigadas e expostas pela coordenação e discentes, bem como particularidades pertinentes a cada um nos PPC. Partindo da iniciativa que o alcance de uma condição de sustentabilidade precisa ser pensado de maneira plural e ao mesmo tempo singular, e que não há um modelo específico a ser seguido, o ensino superior em design de moda do Distrito Federal precisa trabalhar com caminhos possíveis que podem e devem variar de acordo com a ocasião.

A partir desse ponto de vista, é fundamental haver a compreensão de que as possibilidades irão variar de acordo com o projeto, o processo, a realidade e a instituição e suas particularidades, uma vez que agir sustentavelmente não é uma ação absoluta. Enquanto a sustentabilidade ambiental é um objetivo a ser alcançado, a sociedade sustentável é uma construção humana e, como tal, sempre modificável e em transformação (Manzini; Vezzoli, 2017, p.45).

Diante disso, este trabalho acadêmico buscou conhecer os conceitos de sustentabilidade, desenvolvimento sustentável, prática sustentáveis na moda e indústria da moda, para a partir disso, utilizar os conceitos defendidos pelos autores como referência neste trabalho, desenvolvendo estratégias necessárias para agregar e devolver a sociedade uma forma efetiva de agregar a sustentabilidade na formação do designer de moda. Além disso, foi necessário compreender os que os coordenadores e alunos dos cursos expressavam acerca de suas motivações, conhecimentos e expectativas com a realidade acadêmica, bem como entender o que pensam sobre a condição como futuros designers.

É importante destacar que foi importante ouvi-los sobre esses aspectos, pois eles complementam e validam a entender a aplicabilidade do plano de ensino. E tendo em vista a análise realizada e de acordo com o objetivo de pesquisa, conclui-se que há sim uma

abordagem em sala de aula da sustentabilidade, mas medidas pelas instituições precisam ser tomadas para a temática seja crucial e básica na formação do aluno, e não um fator adicional.

Esperava-se confirmar que, a partir da vinculação entre Projeto Pedagógico de Curso, coordenação e aluno, houvesse a validação do processo de ensino das práticas sustentáveis, com a conscientização dos participantes quanto importância da temática sustentabilidade. A reflexão a respeito do tema realizada de maneira associada ao universo dos alunos e suas explicações mediante a exemplos, apresentam-se como um meio de facilitar sua compreensão e engajá-los na questão. As experiências prévias dos alunos – pessoais, acadêmicas e profissionais –, que exercem influência considerável em seu discurso, sua postura, suas escolhas e suas práticas, não podem ser desconsideradas, mas preservadas e aproveitadas (Lima, 2018).

As coordenações entrevistadas relatam que o processo de abordagem da sustentabilidade era algo orgânico, além de ser previsto em Projeto Pedagógico, uma vez que eles atuam com comprometimento, e principalmente indo além das nomenclaturas e ementas apresentadas, mas demonstrando compreensão de suas potencialidade e limitações, e as fomentando em relação ao alcance de uma condição de sustentabilidade, ou seja, indo além do que se prevê, buscando levar ao aluno o mais amplo conhecimento.

Já os discentes apresentaram variados olhares, mas com muitos conceitos em comum, como mudança de pensamento, que é necessário mudar a forma que a sociedade enxerga a sustentabilidade, deve-se haver informações reais e motivacionais para que o processo seja efetivo.

A motivação, sendo um aspecto crucial no que se refere ao envolvimento e comprometimento por parte dos alunos no ambiente educacional, sendo imprescindível haver estímulos para que esse conhecimento seja traduzido em seus projetos acadêmicos. A possibilidade de desenvolvimento de um projeto auspicioso, pautado nas práticas sustentáveis e não guiado apenas por parâmetros é bastante estimulante para um profissional prestes a ingressar no mercado de trabalho.

A transformação de uma realidade do nosso atual modelo de desenvolvimento, na esfera educacional, implica uma formação de um designer de moda cuja atividade no campo de atuação transcenda o cumprimento de tarefas e se torne também uma reflexão a respeito

delas e do próprio campo que as determina. Ainda no âmbito do ensino, o pensar sobre o fazer é primordial para o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico. Refletir sobre a prática e apropriar-se dela permite fazer escolhas próprias, justificadas e coerentes, que conduzam a resultados inesperados e surpreendentes. Assim, é imprescindível a formação de um aluno reflexivo a respeito de si mesmo, de sua profissão, de seu projeto e do contexto no qual se encontra inserido. O designer tem um papel relevante na escolha e aplicação dos materiais empregados em produtos, mesmo sabendo que não estará envolvido com a origem ou fim destes materiais ao cessar o ciclo de vida do produto (Manzini, Vezzoli, 2016, p 147).

No que diz respeito a relação entre o ensino e a empregabilidade, questões fundamentais apresentam-se desafiadoras. Como visto anteriormente, Brasília possui uma variação de características que a torna diferente das outras cidades, como não possuir indústria de grande porte, sua jovialidade e alta renda per capita. Ou seja, um mercado atípico para indústria da moda e tão perto de uma grande fabricante do vestuário, que é Goiânia.

A empregabilidade torna-se um desafio à medida que os problemas postos pelo atual modelo de desenvolvimento e o alcance de uma condição de sustentabilidade implicam ações que demanda uma transformação profunda da indústria, mesmo que pequena. Portanto, se faz necessário uma reorientação da atividade e o design torna-se uma peça importante no processo de levar a informação ao empresário.

O contato do aluno com a realidade, mediante a ações estratégicas propostas nesta pesquisa, poderá contribuir positivamente em relação a necessária aproximação entre academia e mercado de trabalho, possibilitando um fluxo constante de conhecimento teórico-prático orientado à sustentabilidade.

A construção de um profissional cuja atuação seja efetivamente crítica, tecnicamente competente e transformadora é um desafio, cujo a concretização depende de um envolvimento coeso entre o curso e seus componentes (Projeto Pedagógico de Curso, Plano de Ensino) e os sujeitos envolvidos no cotidiano como coordenadores, docentes e discentes. Portanto, esta pesquisa não encerra as possibilidades dessa construção, sendo as análises até então apresentam o início de um caminho próspero e desafiador a ser percorrido.

O designer de moda, portanto, precisa ser ensinado, aprendido e praticado como um possível ato de transformação, sendo fundamental a coesão entre as disciplinas teóricas,

projetuais e operacionais para que o designer de moda possa, no exercício de sua atividade, pensar, propor e praticar essa transformação.

10. REFERÊNCIAS

ABIT, Associação Brasileira de Indústria Têxtil . **Dados do Setor**. 2022. Disponível em <<https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>> Acesso em 02 de setembro de 2022.

BANCO DE TECIDO. Disponível em <https://bancodetecido.com.br/>> Acesso em 03 de janeiro de 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edição 70, 2011.

BARLETT, John. **Atacama: como o majestoso deserto virou um local de descarte de roupas**. 2023. Disponível em <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2023/04/atacama-como-o-majestoso-deserto-virou-um-local-de-descarte-de-roupas>> Acesso em 27 de dezembro de 2023.

BARROS, Kléber da Silva (org.) **A verdadeira vida dos produtos: 12 ciclos de vida de produtos referência ilustrados para orientar projetos de produtos sustentáveis.** – João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

BEM, Natani Aparecida do; LINKE; Paula Piva. **Impactos ambientais das fibras de algodão e poliéster na indústria da moda.** Novos Cadernos NAEA. v. 26, n. 2 • maio-ago. 2023 • ISSN 1516-6481/2179-7536.

BERLIM, Lilyan. **Moda e sustentabilidade: uma reflexão necessária.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Parecer CNE/CES Nº 436/2001 Trata de Cursos Superiores de Tecnologia** – Formação de Tecnólogos, Legislação Básica - Graduação Tecnológica. Brasília, 2001. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/mais-educacao/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13025-legislacao-basica-graduacao-tecnologica#:~:text=Lei%20n%C2%BA%209.394%2C%20de%202020,Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAsncias.>> Acesso em 15 de setembro de 2022.

BRASIL, Diário Oficial da União. **PORTARIA Nº 2.117, DE 6 DE DEZEMBRO DE 2019.** Disponível em <[Portaria 2.117](#)>. Acesso em 11 de setembro de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Diretrizes Curriculares Nacionais no Nível de Tecnólogo.** Legislação Básica - Nível Superior. Parecer, CNE/CP no 29/2002. Brasília, 2008.

BRASIL, Nações Unidas. **Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil.** Disponível em <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>> Acesso em 05 de setembro 2022.

BRASIL. **Resolução no. 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 jun. 2012. Seção 1, p. 70.

BRASIL. **Resolução no. 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências.** Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior. Brasília, 2018

BRAUNGART, Michael; MCDONOUGH, William. **Cradle to cradle: criar e reciclar ilimitadamente.** 1. ed, São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CALVI, Gabriel Coutinho; FURLAN, Ana Paula. LINKE, Paula Piva. **Moda e Sustentabilidade: o que pensam futuros profissionais da área de Design.** ModaPalavra. V. 12, N.26, P. 146-170, out/dez, 2019.

CASTANHEIRA, Cláudia. **Mercado de segunda mão: um setor bilionário que desafia a indústria da moda como solução ou novo problema.** 2023. Disponível em <<https://curtonews.com/curto-sobreviver/mercado-de-segunda-mao-um-setor-bilionario-que->

[desafia-a-industria-da-moda-como-solucao-ou-novo-problema/](#) > Acesso em 04 de dezembro de 2023.

CHRISTO, Deborah Chagas; SABRÁ, Flávio Glória Caminada. **Moda é design, ou design é moda: Análise da relação entre design, moda e metodologia de projeto**. 12º Colóquio de Moda – 9ª Edição Internacional, 3º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda 2016.

CNI. **O setor têxtil e de confecção e os desafios da sustentabilidade** / Confederação Nacional da Indústria, Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção – Brasília : CNI, 2017.

CODEPLAN. **Distrito Federal se mantém na terceira posição entre as maiores economias municipais do país**. Disponível em:<[COSTA, Junior; BROEGA, Ana Cristina. **A economia circular e a sustentabilidade dos materiais na indústria da moda**. REAMD, Florianópolis, v. 6, n. 3, e2333, p. 01-26, out./jan. 2023](https://www.codeplan.df.gov.br/distrito-federal-se-mantem-na-terceira-posicao-entre-as-maiores-economias-municipais-do-pais/#:~:text=O%20DF%20teve%20o%20PIB,participou%20com%205%2C2%25.> Acesso em 02 de novembro de 2022.</p></div><div data-bbox=)

DANTAS, Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto (org.) **Docência na educação superior: formação e prática**. 1 ed. – Jundiaí, São Paulo, 2022. 364 p.

DELANTY, Gerard. **Os desafios da globalização e a imaginação cosmopolita: as implicações do Antropoceno**. Revista Sociedade e Estado – Volume 33, Número 2, Maio/Agosto 2018.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FAAP, Fundação Armando Alvares Penteado. **Moda no Brasil: Criadores contemporâneos e memórias**. São Paulo, 2012.

FASHION REVOLUTION. **Índice de Transparência da Moda Brasil 2022**. Brasil, 2022.

FASHION REVOLUTION. **Índice de Transparência da Moda Brasil 2023**. Brasil, 2023.

FEGHALI, Marta Kasznar; SCHMID, Erika (org.). **O ciclo da moda**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio de Janeiro, 2013. 168 p.

FERREIRA, Micaela La Delfa; COSTA, Thays Neves.; TEIXEIRA, Fábio. Gonçalves. JACQUES, Jocelise Jacques de; CATTANI, Airton. **Redução de Resíduos Têxteis por Meio de Projeto de Produto de Moda**. Revista Design & Tecnologia. 2015.

FLETCHER, Kate; GROSE, Lynda. **Moda & Sustentabilidade: design para mudança**. São Paulo: Ed. SENAC, 2011.

GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora. 1999.

GREENPLAT. **O que é a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS)?**. Disponível em <https://greenplat.com/2019/12/10/o-que-e-a-politica-nacional-de-residuos-solidos-pnrs/?gclid=Cj0KCQjwmouZBhDSARIsALYcouofGdW6XIOlaLKFSpY87nYh_tBhj1fmBsJNviVC_QNBTCVgXGzmbB8YaAtLdEALw_wcB> Acesso em 15 de setembro de 2022.

HETHORN, Janet; ULASEWICZ, Connie. **Sustainable fashion: why now? A conversation about issues, practices, and possibilities**. New York: Fairchild Books, 2008.

IEMI, Inteligência de Mercado. **Relatório Brasil Têxtil 2023**. Versão Resenha do Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira, São Paulo, v.23, no 23, 2023.

IESB, **Projeto Pedagógico do Curso - Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda**. Brasília, 2020.

IFB, **Projeto Pedagógico do Curso - Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda**. Brasília, 2017.

IRVING, Marta de Azevedo; OLIVEIRA, Elizabeth. **Sustentabilidade e transformação social**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2012. 176 p.

LACERDA, Eduarda de Castro. **O crescimento do modelo de produção fast fashion no brasil: A importância da inclusão da economia circular na política nacional de resíduos sólido**. 2022. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

LEE, Kyung Há; MENDES, Francisca. **Novos modelos de negócios da moda: uma análise com base nos arquétipos de negócios sustentáveis**. ModaPalavra, Florianópolis, V. 14, N. 32, p. 150–178, abr./jun. 2021

LEGNAIOLI, Stella. **Lavar roupa libera microplásticos?** Disponível em <<https://www.ecycle.com.br/lavar-roupa-microplastico/>> Acesso em 26 de dezembro de 2023.

LEGNAIOLI, Stella. **Impactos das fibras têxteis e alternativas**. Disponível em <<https://www.ecycle.com.br/impacto-ambiental-das-roupas/>> Acesso em 28 de dezembro de 2023.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Ed. Cortez, 1ª ed. 1994

LIBÂNEO, José Carlos et. al. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2012.

LIMA, Verena Ferreira Tidei de. **Ensino superior em design de moda no Brasil: práxis e (in)sustentabilidade**. São Paulo, 2018.

LIMA JR, Geraldo Coelho; NAVALON, Eloize. **Linha do tempo ensino de moda no brasil**. 14º Colóquio de Moda – 11ª Edição Internacional, 5º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda, 2018.

MANZINI, Ezio; VEZZOLI, Carlo. **O desenvolvimento de produtos sustentáveis**. Tradução de Astrid de Carvalho. – 1. Ed. 4. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

MENDES, Francisca Dantas (org.). **Educação de moda para o futuro: desenvolvimento sustentável nas dimensões social, econômica, ambiental, cultural e geográfica.** EACH. São Paulo, 2017.

MINAYO, Maria Cecília De Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 31a ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MODEFICA, FGVces, REGENERATE. **Fios da Moda: Perspectiva Sistêmica Para Circularidade.** São Paulo, 2021.

MOREIRA, Carina. **Por que é importante tratar a diversidade na moda?** Rio de Janeiro, 2021. Disponível em <<https://www.renataabranchs.com.br/por-que-diversidade-na-moda/>> Acesso em 15 de novembro de 2022.

MOURA, Mônica; MATTOS, Maria de Fátima da Silva Costa de. (Org.). **Ensino e pesquisa científica no design e na moda no Brasil: caminhos que se cruzam e se realimentam.** In.. Pesquisa e Formação em Moda. São Paulo: Abepem: Estação das Letras e Cores, 2015.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. **Trajatória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico.** Estudos avançados, v. 26 n.74, Instituto de estudos avançados da Universidade de São Paulo, 2012

PIRES, Dorotéia Baduy. **A história dos cursos de design de moda no Brasil.** Revista Nexos: Estudos em Comunicação e Educação, 2002, São Paulo.

PLANALTO. **Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm> Acesso em 15 de setembro de 2022.

SANT'ANA, Tomás Dias (et al). Plano de Desenvolvimento Institucional - **PDI: um guia de conhecimentos para as Instituições Federais de Ensino.** Alfenas: FORPDI, 2017.

SEBRAE. **Brasília, a cidade que faz jus ao DNA criativo com chancela da Unesco,** 2023. Disponível em <[Brasília, a cidade que faz jus ao DNA criativo com chancela da Unesco - Sebrae](#)> Acesso em 18 de dezembro de 2023.

SEBRAE. **Por que a sustentabilidade é importante para as pequenas empresas?** 2022. Disponível em < [Por que a sustentabilidade é importante para as pequenas empresas? - Sebrae](#)> Acesso em 18 de dezembro de 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed., São Paulo: Cortez, 2007.

POERNER, Bárbara. **Como se ensina moda no Brasil?** 2020. Disponível em < <https://elle.com.br/moda/como-se-ensina-moda-no-brasil>> Acesso em 15 de setembro de 2022.

RODRIGUES, Ana; DUPONT, Fernanda; MÜLLER, Júlia. **Um efeito borboleta: a indústria da moda e meio-ambiente.** 2021. Disponível em <[92](https://wp.ufpel.edu.br/empauta/um-efeito-borboleta-a-industria-da-moda-e-meio-ambiente/#:~:text=O%20impacto%20ambiental%20%C3%A9%20grande&text=Quando%20se%20fala%20no%20impacto,principalmente%2C%20o%20descarte%20dos%20res%C3%A4Dduos.> Acesso em 15 de setembro de 2022.</p></div><div data-bbox=)

SALCEDO, Elena. **Moda ética para um futuro sustentável**. Editora Gustavo Gili, Barcelona, 2014.

SANCHES, Maria Celeste de F. **Moda e Projeto: estratégias metodológicas em design** – 1. Ed. – São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

SERRÃO, Mônica; ALMEIDA; Aline; CARESTIATO, Andréa. **Sustentabilidade: uma questão de todos nós**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2012. 208 p.

SINDIVESTE. **Brasília: Capital dos Criadores**. Sindicato das Indústrias do Vestuário do Distrito Federal. Brasília, 2021.

SOUSA, Thaís Maria Pires de. **Estudo sobre ações de desenvolvimento sustentável na indústria de confecção do Distrito Federal**. PPG Design – UnB. Brasília, 2019.

TAUCHEN, Joel; BRANDLI, Luciana Londero. **A gestão ambiental em instituições de ensino superior: Modelo de implantação em Campus Universitário**. Gestão e Produção, v.13, n.3, p. 503-515, set/dez. 2006.

TERA Ambiental. **Entenda a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) e como aplicá-la em sua empresa**. Disponível em <<https://www.teraambiental.com.br/blog-da-tera-ambiental/entenda-a-politica-nacional-de-residuos-solidos-pnrs-e-como-aplica-la-em-sua-empresa#:~:text=Para%20reduzir%20o%20impacto%20dos,em%20todo%20o%20territ%C3%B3rio%20nacional.>> Acesso em 15 de setembro de 2022.

TREE. **Diversidade e Sustentabilidade: como empresas mais diversas alcançam mais lucratividade e crescimento no longo prazo?**. Disponível em <<https://treediversidade.com.br/diversidade-e-sustentabilidade/>> Acesso em 11 de setembro 2022.

TROIANI, Leonice; SEHNEM, Simone; CARVALHO, Luciano. **Moda sustentável: uma análise sob a perspectiva do ensino de boas práticas de sustentabilidade e economia circular**. Cad. EBAPE.BR, v. 20, nº 1, Rio de Janeiro, 2022.

UNIP, **Projeto Pedagógico do Curso - Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda**. Brasília, 2021.

VIDAL, Iara. **Brasil tem primeira edição nacional do índice de transparência da moda da fashion revolution**. 2018. Disponível em <<https://gtagenda2030.org.br/2018/10/16/brasil-tem-primeira-edicao-nacional-do-indice-de-transparencia-da-moda-da-fashion-revolution/>> Acesso em 05 de setembro de 2022

VIDAL, IARA. **A Agenda 2030, a Moda e a Covid-19**. 2020. Disponível em <<https://consumoconsciente.blog/2020/04/18/a-agenda-2030-a-moda-e-a-covid-19>> Acesso em 01 de setembro de 2022.

VIDAL, Iara. **Confira os desafios e necessidades urgentes para o desenvolvimento sustentável no Brasil**. Disponível em <<https://revistaforum.com.br/brasil/2023/9/25/confira-os-desafios-necessidades-urgentes-para-desenvolvimento-sustentavel-no-brasil-144718.html>> Acesso em 20 de dezembro de 2023.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “**Análise do ensino de práticas sustentáveis nos cursos de graduação em Design de Moda no Distrito Federal**”, de responsabilidade de Marcele Kristine Cardoso Gonzalez, estudante de mestrado da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é compreender o processo de aprendizagem do acadêmico em Design de Moda em relação às práticas sustentáveis trabalhadas no campo da Moda ao longo da sua formação. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do/da pesquisador/a responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de uma entrevista onde trataremos das disciplinas previstas no Projeto Pedagógico de Curso que tratam da sustentabilidade e como foi o processo de aprendizagem ao longo da sua formação. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa pode implicar em riscos tais como:

- Divulgação de informações e/ou dados pessoais;
- Embaraço ao fornecer informações sobre a disciplina e o processo de aprendizagem;
- Divulgação de imagens pessoais.

Estes riscos serão minimizados com as seguintes estratégias: Será garantida a confidencialidade e a privacidade dos participantes, bem como a proteção à imagem, sendo a utilização das gravações somente para fins acadêmicos desta pesquisa, estando sob guarda e responsabilidade da pesquisadora.

Espera-se com esta pesquisa propor uma análise crítica da formação de novos Designers de Moda alinhado às demandas mercadológicas sócio-ambientais, trazendo a perspectiva da necessidade de cada vez mais o desenvolvimento de produtos sustentáveis.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a

qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone (61) 98122-2896 ou pelo e-mail marcele.moda@gmail.com. A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de relatório de pesquisa e apresentação de resultados, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você.

Assinatura do/da participante

Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, ____ de _____ de _____

APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS – COORDENADORES

Análise do ensino de práticas sustentáveis nos cursos de graduação em Design de Moda no Distrito Federal

Você foi convidado a participar da pesquisa “**Análise do ensino de práticas sustentáveis nos cursos de graduação em Design de Moda no Distrito Federal**”, de responsabilidade de Marcele Kristine Cardoso Gonzalez, estudante de mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade de Brasília, sob orientação do Professor Doutor Breno Tenório Ramalho de Abreu.

O objetivo desta pesquisa é compreender o processo de aprendizagem do acadêmico em Design de Moda em relação às práticas sustentáveis trabalhadas no campo da moda ao longo da sua formação.

Partindo do questionamento - “como está sendo a formação acadêmica do profissional designer de moda do Distrito Federal para que ele atue no mercado com as demandas que esta realidade sócio-ambiental impõe?”-, esta pesquisa analisa a oferta das disciplinas que abordam a sustentabilidade em todos os seus âmbitos e leva em consideração o ensino-aprendizagem dos discentes.

Importante destacar que as informações obtidas nas entrevistas não são passíveis de generalização e que isto será considerado pela pesquisadora na etapa de análise dos dados obtidos. Para que esta análise seja realizada, será necessário gravar (vídeo e voz) esta entrevista. Contudo lhe asseguro que nenhuma informação pessoal será divulgada, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a total omissão de informações que permitam identificá-lo/a, garantindo, dessa forma, que seu nome e documentos não constarão na dissertação a ser publicada.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade, dano, custo ou perda de benefícios.

Agradeço sua disponibilidade em contribuir com a pesquisa e para iniciarmos solicito sua autorização, relatando sua concordância com a sua participação na pesquisa. Para tanto peço, por gentileza, que se identifique com nome completo, data e autorização para o registro verbal na gravação?

Roteiro:

1. Defina o que é sustentabilidade.
2. Você como coordenador(a) tem conhecimento sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental e Lei no 11.645/08 Relações Étnico-raciais e afrodescendência para formação profissional? As considera importantes para o designer em formação? Poderia dar exemplos?
3. Os professores têm conhecimento sobre tais documentos norteadores ou compreendem a importância da sustentabilidade na formação profissional? Para a instituição as prerrogativas destes documentos são importantes?
4. Como o curso traduz essa legislação no projeto pedagógico de curso atual? Poderia dar exemplos?
5. Como a sustentabilidade é contemplada dentro do curso? Está ou estará presente no PPC, versão atual ou reformulada? As práticas sustentáveis estão somente nas disciplinas ou também em projetos de pesquisa e extensão? Cite exemplos.
6. Qual reflexo da sustentabilidade nos métodos de ensino dos docentes? Acredita que os docentes têm uma formação profissional que os habilita a tratar o assunto em sala de aula?
7. Os discentes de fato entendem o conceito de sustentabilidade? Como utilizam esses conceitos em sala de aula?
8. Como esses estudos sobre sustentabilidade dentro dos cursos de moda no Distrito Federal podem conduzir uma mudança na forma que produzimos e consumimos moda na nossa região?

9. Como instituição, como vocês veem o profissional formado em Moda? Ele será capaz de atender as demandas do atual mercado local? Será capaz de fazer uso dos conhecimentos em práticas sustentáveis em seu ambiente de trabalho?

10. Para finalizarmos nossa entrevista, vamos falar sobre mercado de trabalho e os egressos. Quantos designers vocês formam por ano? Os egressos conquistam seu espaço no mercado de trabalho? Em quais áreas específicas da moda? Algum dos egressos tem um trabalho atualmente que contempla práticas sustentáveis? Pode me dar exemplos desses egressos?

Agradecemos sua participação e os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de relatório de pesquisa e apresentação de resultados, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica. Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar por meio do telefone **(61) 98122-2896** ou pelo e-mail **marcele.moda@gmail.com**.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107-1592.

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO – DISCENTES

Análise do ensino de práticas sustentáveis nos cursos de graduação em Design de Moda no Distrito Federal

Você foi convidado a participar da pesquisa “**Análise do ensino de práticas sustentáveis nos cursos de graduação em Design de Moda no Distrito Federal**”, de responsabilidade de Marcele Kristine Cardoso Gonzalez, estudante de mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade de Brasília, sob orientação do Professor Doutor Breno Tenório Ramalho de Abreu.

O objetivo desta pesquisa é compreender o processo de aprendizagem do acadêmico em Design de Moda em relação às práticas sustentáveis trabalhadas no campo da moda ao longo da sua formação.

Partindo do questionamento - “como está sendo a formação acadêmica do profissional designer de moda do Distrito Federal para que ele atue no mercado com as demandas que esta realidade sócio-ambiental impõe?”-, esta pesquisa analisa a oferta das disciplinas que abordam a sustentabilidade em todos os seus âmbitos e leva em consideração o ensino-aprendizagem dos discentes.

Importante destacar que as informações obtidas no questionário não são passíveis de generalização e que isto será considerado pela pesquisadora na etapa de análise dos dados obtidos. Lhe asseguro que nenhuma informação pessoal será divulgada, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a total omissão de informações que permitam identificá-lo/a, garantindo, dessa forma, que seu nome e documentos não constarão na dissertação a ser publicada.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade, dano, custo ou perda de benefícios.

Agradeço sua disponibilidade em contribuir com a pesquisa e para iniciarmos solicito sua autorização, relatando sua concordância com a sua participação na pesquisa no espaço abaixo.

Eu, _____ concordo em participar da pesquisa Análise do ensino de práticas sustentáveis nos cursos de graduação

em Design de Moda no Distrito Federal e responder o questionário abaixo de forma voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício.

Brasília, __ de _____ 2023

Questionário:

Nome: _____

Instituição de Ensino Superior _____

Semestre: _____

1. O que você entende por sustentabilidade na moda?
2. Na universidade, de que forma foi abordado o assunto sustentabilidade? Nas aulas, em palestras, em práticas, em visitas técnicas? Os professores dominam esse assunto?
3. Você compreendeu efetivamente o que foi ensinado sobre sustentabilidade?
 - a. Sim Não
4. Qual a importância da sustentabilidade na sua futura carreira? Como poderá fazer uso deste conceito no mercado de trabalho?
5. Além disso, você já ouviu falar sobre o assunto em outros meios de comunicação?
 - a. TV Jornais Revistas Internet Artigos Outros
 - b. Quais? Costuma fazer pesquisa sobre sustentabilidade?
6. Que recursos e práticas você conhece, na moda, que contribuem para as práticas sustentáveis? Já usou esses conceitos em seus projetos na universidade?
7. Como futuro designer de moda, o que você sugere que deva ser mudado no segmento da moda para alcançar práticas sustentáveis?

Agradecemos sua participação e os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de relatório de pesquisa e apresentação de resultados, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica. Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar por meio do telefone **(61) 98122-2896** ou pelo e-mail **marcele.moda@gmail.com**.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107-1592.

IFD	2*	Apresenta a produção de roupas e seus materiais, o que ajuda na sustentabilidade.	Por meio de conversas com professores, pais/leitores e eventos de divulgação para a comunidade.	Sim	Muito importante, pois evidencia a uma parte essencial na vida de qualquer pessoa, ou seja, nossa maneira de produzir e consumir.	Televisão, Internet, Instagram, Wisk	Busca, troca de roupas e estar ligada de fácil fashion.	Procurar outros meios de descarte e reciclagem de roupas.
IFD	2*	Um conceito que reflete a preocupação com o meio ambiente, na qual se busca desenvolver produtos e serviços que não sejam prejudiciais ao meio ambiente, considerando o consumo consciente.	Um livro que contém ideias para a sustentabilidade de maneira simples, desde a criação de um tecido até a sua descarte, destacando que ocorre de uma forma sustentável.	Sim	Sim, pois trata-se de um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Televisão, Internet, Artigo, Sim, sustentabilidade é um assunto que deve ser sempre estudado.	A preferência por materiais recicláveis e orgânicos, buscando sempre a sustentabilidade em todas as etapas da produção de roupas.	Processos nos quais suas etapas passam pelo meio ambiente, incluindo o uso consciente, criação de roupas duráveis e sustentáveis.
IFD	2*	A sustentabilidade na moda é um modo de produção e consumo que respeita o meio ambiente, as pessoas e as práticas que impactam o meio ambiente, as pessoas e o planeta. Ela é baseada em princípios que visam a sustentabilidade de longo prazo, considerando a produção de materiais para a produção de roupas e o consumo consciente.	Charitas e como é sempre produzida em sala de aula, ou seja, produzindo e buscando inovação e sustentabilidade de longo prazo, considerando a produção de materiais para a produção de roupas e o consumo consciente.	Sim	A sustentabilidade é um assunto que envolve a produção de roupas e o consumo consciente, o que é essencial para a sociedade.	Televisão, Internet, Artigo	Na moda as roupas são feitas, como um tecido orgânico, mas com o uso de materiais recicláveis e sustentáveis, como a lã e o algodão.	A ideia de consumo por necessidade, mas isso é estrutural e nosso sistema econômico não ajuda.
IFD	2*	Alinhar a utilização de técnicas, técnicas técnicas e citar fontes confiáveis.	É muito em sala, através de apresentações e discussões em grupo.	Não	De certa importância, pois não é só o que nos preocupa, mas a sustentabilidade e o futuro do planeta e com o uso de materiais sustentáveis.	Televisão, Internet, TIK Tok e Pinterest	Sim, pois a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Sim, pois a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.
IFD	2*	Um conceito que reflete a preocupação com o meio ambiente, na qual se busca desenvolver produtos e serviços que não sejam prejudiciais ao meio ambiente, considerando o consumo consciente.	Quando se trata de materiais têxteis e tecidos, a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Sim	Quando se trata de materiais têxteis e tecidos, a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Televisão, Internet, No Instagram. Sempre consumo consciente.	Upcycling, upcycling. Na sustentabilidade, mas quando se trata de roupas em tecido, o consumo consciente é essencial.	A valorização da área e um redireção no valor das práticas.
IFD	2*	Um conceito que reflete a preocupação com o meio ambiente, na qual se busca desenvolver produtos e serviços que não sejam prejudiciais ao meio ambiente, considerando o consumo consciente.	Quando se trata de materiais têxteis e tecidos, a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Não	Quando se trata de materiais têxteis e tecidos, a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Televisão, Internet, Artigo, Você Sim, já pesquisamos sobre o assunto de muitas maneiras.	Upcycling, compra de produtos de segunda mão, consumo consciente e slow fashion.	Economia sustentável, como um todo.
IFD	2*	Um conceito que reflete a preocupação com o meio ambiente, na qual se busca desenvolver produtos e serviços que não sejam prejudiciais ao meio ambiente, considerando o consumo consciente.	Quando se trata de materiais têxteis e tecidos, a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Sim	Quando se trata de materiais têxteis e tecidos, a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Televisão, Internet, Artigo, Você Sim, já pesquisamos sobre o assunto de muitas maneiras.	Tendos com processos mecânicos agressivos, técnicas de upcycling, técnicas independentes, tecidos além de algodão, investimento em materiais sustentáveis, como a lã e o algodão.	Acho que muitas vezes foram feitas, mas ainda há falta de investimento e espaço para as pesquisas que já existem e vão a frente, além disso o preço continue sendo muito caro para quem quer comprar roupas sustentáveis.
IFD	2*	Um conceito que reflete a preocupação com o meio ambiente, na qual se busca desenvolver produtos e serviços que não sejam prejudiciais ao meio ambiente, considerando o consumo consciente.	Quando se trata de materiais têxteis e tecidos, a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Sim	Quando se trata de materiais têxteis e tecidos, a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Televisão, Internet, Artigo, Você Sim, já pesquisamos sobre o assunto de muitas maneiras.	Sim, pois a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Acordo que o descarte de tecidos, já que é muito usado em salões de costura, muitos sendo reciclados.
IFD	2*	Um conceito que reflete a preocupação com o meio ambiente, na qual se busca desenvolver produtos e serviços que não sejam prejudiciais ao meio ambiente, considerando o consumo consciente.	Quando se trata de materiais têxteis e tecidos, a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Sim	Quando se trata de materiais têxteis e tecidos, a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Televisão, Internet, Artigo, Você Sim, já pesquisamos sobre o assunto de muitas maneiras.	Sim, pois a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Acabar com lã e algodão.
IFD	2*	Um conceito que reflete a preocupação com o meio ambiente, na qual se busca desenvolver produtos e serviços que não sejam prejudiciais ao meio ambiente, considerando o consumo consciente.	Quando se trata de materiais têxteis e tecidos, a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Sim	Quando se trata de materiais têxteis e tecidos, a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Televisão, Internet, Artigo, Você Sim, já pesquisamos sobre o assunto de muitas maneiras.	Sim, pois a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Recursos que permitam a sustentabilidade de forma mais acessível, pois geralmente são mais caras e trabalhosas, dificultando o acesso e trabalho.
IFD	2*	Um conceito que reflete a preocupação com o meio ambiente, na qual se busca desenvolver produtos e serviços que não sejam prejudiciais ao meio ambiente, considerando o consumo consciente.	Quando se trata de materiais têxteis e tecidos, a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Sim	Quando se trata de materiais têxteis e tecidos, a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Televisão, Internet, Artigo, Você Sim, já pesquisamos sobre o assunto de muitas maneiras.	Sim, pois a moda é um assunto que envolve a sustentabilidade e a produção de roupas, o que é essencial para a sociedade.	Uso de materiais mais sustentáveis, upcycling, incentivo ao consumo consciente, educação ambiental e campanhas de conscientização para uso responsável e redução dos desperdícios, como, por exemplo, do nosso cotidiano.